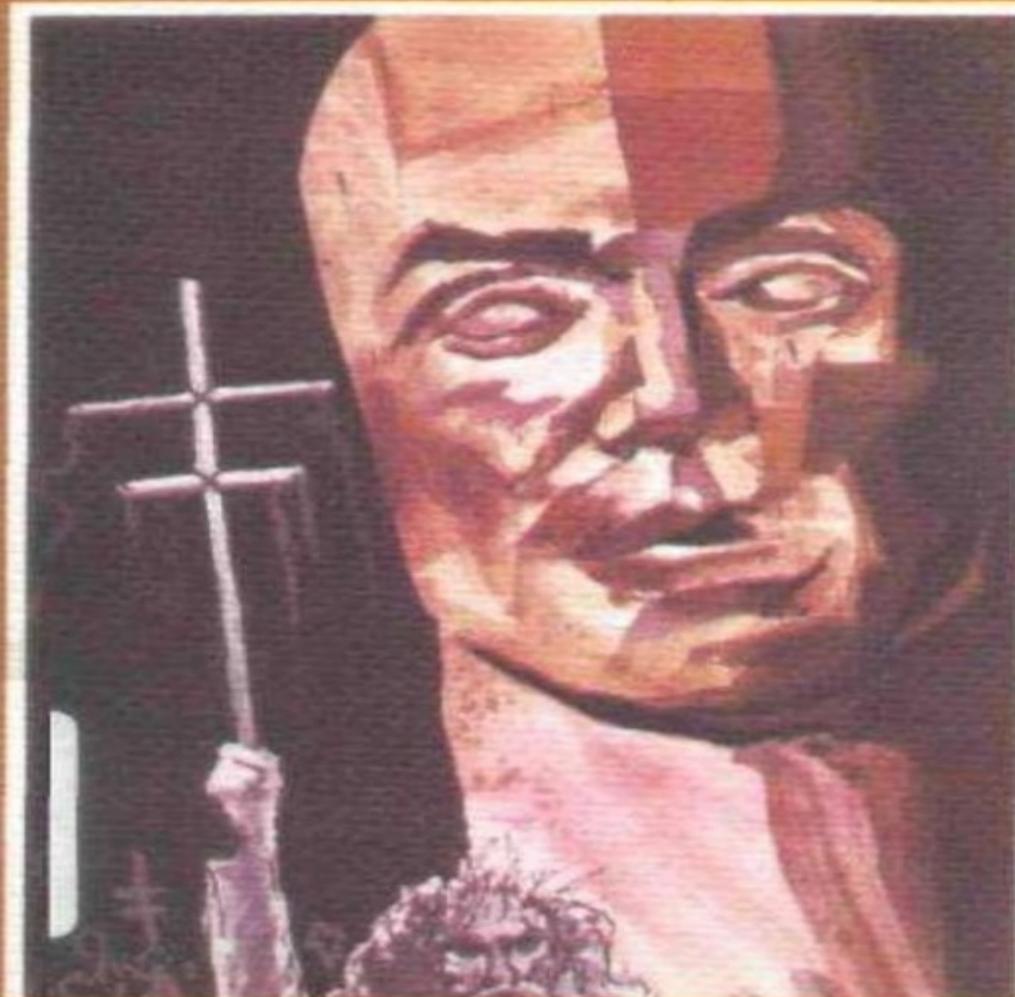


Dias
Gomes

(Membro da Academia Brasileira de Letras)

Roque Santeiro
ou
O Berço do Herói

COLEÇÃO PRESTÍGIO





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver
unido na busca do**

**conhecimento, e não mais
lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade
poderá enfim evoluir a um
novo nível."**



ROQUE SANTEIRO OU O BERÇO DO HERÓI

Dias Gomes
(Membro da Academia Brasileira de Letras)

© By Dias Gomes
© Desta edição - Editora TecnoPrint S. A., 1991

ISBN 85-00-62275-X
MAC 2275

Grupo Ediouro
EDITORA TECNOPRINT S.A.

Ajustado e convertido em MOBI e EPUB por:
U.E. Braga - Maio 2022

Sumário

ROQUE SANTEIRO OU O BERÇO DO HERÓI

PRIMEIRO ATO

PRIMEIRO QUADRO

SEGUNDO QUADRO

TERCEIRO QUADRO

QUARTO QUADRO

QUINTO QUADRO

SEXTO QUADRO

SÉTIMO QUADRO

OITAVO QUADRO

NONO QUADRO

SEGUNDO ATO

DÉCIMO QUADRO

DÉCIMO PRIMEIRO QUADRO

DÉCIMO SEGUNDO QUADRO

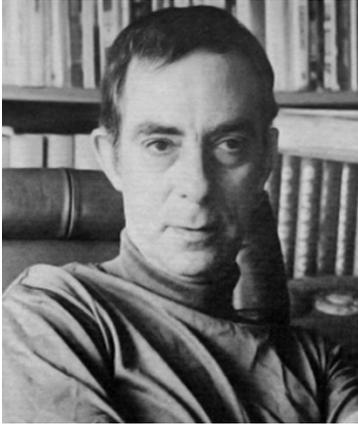
DÉCIMO TERCEIRO QUADRO

DÉCIMO QUARTO QUARTO

DÉCIMO QUINTO QUADRO

DÉCIMO SEXTO QUADRO

APÊNDICE IV



ROQUE SANTEIRO OU O BERÇO DO HERÓI

A peça *O Berço do Herói* foi escrita em 1963 e deveria ter sido encenada em 65, mas foi censurada pelo governo militar. Em 1975 Dias Gomes resolveu adaptar a obra para a televisão.

Mas, novamente, a história foi proibida. Dez anos depois, em 1985, já com o país vivendo o processo de redemocratização, a novela foi levada ao ar. O sucesso foi estrondoso e imediato. Tal foi o êxito, nacional e internacional da novela, que esta nova edição da peça foi retrabalhada por Dias Gomes. O autor resolveu enriquecê-la com cenas que lhe foram sugeridas pela novela.

Assim, Dias Gomes dá um presente a seus leitores: a oportunidade de, novamente, rir, pensar e se emocionar com as loucuras da viúva Porcina, a esperteza de Sinhozinho Malta e o “progresso” de Asa Branca.

Ao leitor desavisado quero alertar que não tem em mãos o texto (seria impossível, dada sua extensão) da novela ROQUE SANTEIRO, nem mesmo uma sinopse ou uma adaptação para novela literária e sim o original da peça o Berço do Herói, do qual foi extraída a telenovela.

Escrevi O BERÇO DO HERÓI em 1963. Com o golpe militar de 64, tive que esperar quase dois anos até que surgisse um produtor suficientemente corajoso e interessado em montá-la. A Editora Civilização Brasileira publicou o texto no início do ano de 65, com um contundente prefácio de Paulo Francis e uma mordaz orelha de Enio Silveira (o que levou um general a exigir do Conselho de Segurança Nacional a prisão dos mesmos... e do autor da peça, evidentemente.) É que a peça abordava o mito do herói (e herói militar), tema delicado para o momento que atravessava o país. Tão delicado que ela acabou sendo proibida na noite em que deveria ser encenada pela primeira vez. O então Governador Carlos Lacerda, pressionado pelos militares, assumiu publicamente a autoria da proibição (vide anexo). Uma tentativa de transformá-la em filme no ano seguinte (cheguei a escrever o roteiro) enfrentou nova

interdição, quando então recebi um recado do Chefe da Polícia Federal, General Riograndino Krueel, “que eu tirasse o meu cavalinho da chuva porque, enquanto os militares mandassem neste país, essa peça jamais seria encenada.” Dez anos depois, em 1975, os militares ainda mandavam no país, mesmo assim decidi adaptá-la para a televisão, embora o texto teatral continuasse proibido. É evidente que procurei burlar a censura, não só dando-lhe outro título, ROQUE SANTEIRO (ou mais precisamente A FABULOSA HISTÓRIA DE ROQUE SANTEIRO E SUA FOGOSA VIÚVA, A QUE ERA SEM NUNCA TER SIDO), como também trocando os nomes de quase todas as personagens, além de transformar o protagonista, um cabo da força expedicionária brasileira no original, num artesão, um fazedor de santos de barro, um santeiro. Com essas alterações e mais o acréscimo de algumas tramas paralelas, achava eu que ninguém poderia ligar a novela à peça. No entanto, a novela também foi proibida quando eu já tinha mais de cinquenta capítulos escritos. Na época, não ficaram claras as razões da proibição, que revoltou a opinião pública e levou a Rede Globo a um veemente protesto contra a Censura Federal em editorial transmitido no mesmo horário da novela e em seguida repetido pelo Jornal Nacional. Só muito recentemente, quando um jornalista teve acesso ao arquivo de telefonemas gravados pelo SNI, veio a público o que de fato ocorrera. O SNI grampeara o telefone do historiador Nelson Werneck Sodré e gravara um telefonema meu para ele. Nesse telefonema eu lhe confidenciava inadvertidamente que a novela ROQUE SANTEIRO era uma adaptação disfarçada de O BERÇO DO HERÓI. A gravação não omitia nem mesmo as gargalhadas que eu e Nelson dávamos em seguida...

Proibida no Brasil, a peça teve que buscar outras plagas. Em 1976, dava-se a sua estreia mundial nos Estados Unidos.

Mais dez anos se passaram e, em 1985, já com o país em processo de democratização, a novela foi finalmente liberada. Tal foi o êxito, nacional e internacional que, ao reeditarmos agora o texto da peça, fomos obrigados a alterá-lo em vários pontos. As personagens, de tal forma haviam sido popularizadas pela televisão, que não teria sentido mantê-las com os nomes originais. Fui tentado também a

retrabalhar a peça, enriquecendo-a com algumas cenas sugeridas pela novela.

Quero registrar ainda que, como a presente versão se destinava a uma montagem com música de Caetano Veloso, as letras de algumas canções foram alteradas pelo mesmo compositor, procurando ajustá-las à sua melodia.

O Berço do Herói deveria ter sido levada à cena pela primeira vez no Teatro Princesa Isabel do Rio de Janeiro, na noite de 22 de julho de 1965, com o seguinte elenco:

<i>Antonieta / Teresa Rachel</i>	<i>Major Chico Manga / Sebastião Vasconcelos</i>
<i>Vigário / Alberico Bruno</i>	<i>Prefeito / Joséf Guerrero</i>
<i>Lilinha / Maria Esmeralda</i>	<i>Vendedor Ambulante / Clóvis Bueno</i>
<i>Juiz / Modesto de Souza</i>	<i>Ninon / Ilva Niño</i>
<i>Rosali / Ana Maria Nabuco</i>	<i>Matilde / Graça Moema</i>
<i>Mulher Grávida / Marilena Carvalho</i>	<i>Cabo Jorge / Milton Moraes</i>
<i>General / Germano Filho</i>	<i>Ator / Luiz Mendonça</i>

MÚSICA

EDU LOBO

CENÁRIOS E FIGURINOS

ANÍSIO MEDEIROS

DIREÇÃO

ANTONIO ABUJAMRA

Duas horas antes da estreia, a peça foi interdita pela censura (ver Apêndice IV), que manteve a proibição do texto por cerca de 20 anos.

A primeira encenação de O Berço do Herói ocorreu no Teatro “The Playhouse”, do Departamento de Teatro e Cinema da Pennsylvania State University, em 28 de novembro de 1976, em tradução de LEON LYDAY, com o seguinte elenco:

<i>Antonieta / Cecilia Lee</i>	<i>Major Chico Manga / Bob Mayer</i>

Prefeito / <i>Gary R. Rose</i>	Linha / <i>Ginger Grace</i>
Juiz / <i>Bill Rnotts</i>	Vendedor Ambulante / <i>Gary Peterson</i>
Ninon / <i>Suanne Spoke</i>	Rosali / <i>Debra Studer</i>
Mulher Grávida / <i>Nilgun Dudaksizoglu</i>	Matilde / <i>Deborah Girasek</i>
Rapaz 1 / <i>Michael Borza</i>	Rapaz 2 / <i>Jay Finnecy</i>
Cabo Jorge / <i>David Snizek</i>	Rapariga 3 / <i>Claudia O'Neill</i>
General / <i>Peder Melhuse</i>	Surda-Muda / <i>Lourie Sherman</i>
Guarda / <i>Paul Malluck</i>	Coro / <i>Matheleen A. Beck, Marguerite Devers, Anne Fox, Enrico V. Losco, Margaret Schaeffer</i>
Moradores de "Cabo Jorge" / <i>Martha Ducket, Ton Edwards, Dennis Gersten, Patti Pileggi, Michael Rossi</i>	Músicos / <i>Andrew Coren, David Hurghes, Larry Kitler, Tim Leopold</i>
Beatas / <i>Deborah Beretges, Lorien Corbelletti, Naomi Dembo, Debbie R. Fiedler</i>	Soldados no Filme / <i>Bob Dear (Cabo Jorge), Frank Brault, Roger Cornish, David Filson, Larry Kitler, Enrico V. Losco, Peder Melhuse, Jack Papson, Gary Peterson, Gary R. Rose, Michael Rossi, Curtis A. Whipple</i>
CENÁRIOS: <i>DUKE DURFEE</i>	FIGURINOS: <i>RICHARD HIERONYMUS</i>
ILUMINAÇÃO:	ASSISTENTE DE DIREÇÃO: <i>HUGO</i>

<i>CHARLES H. FIRMIN</i>	<i>BARRETO</i>
<i>DIREÇÃO DE: MANUEL DUQUE</i>	

PERSONAGENS

Porcina	Chico Malta
Padre Hipólito	Florindo Abelha
Dona Pombinha	Mocinha
Matilde	Ninon
Rosali	Toninho Jiló
Cabo Roque	Zé das Medalhas
General	

ÉPOCA: 1960

CENÁRIO:

Deve ser resolvido com uma rotunda azul e elementos essenciais, de molde a fornecer, sem mutações, os seguintes locais de ação:

<i>PRAÇA COM MONUMENTO A CABO ROQUE</i>	<i>CASA DA PORCINA</i>
<i>BORDEL</i>	<i>BOATE</i>

A base da cenografia é a praça, com o monumento a Cabo Roque: um soldado empunhando um fuzil no momento em que é baleado. Os demais ambientes serão apenas sugeridos com dois ou três objetos facilmente transportáveis. Uma tela para projeção.

PRÓLOGO

Palco e plateia às escuras, ouve-se um gongo elétrico.

VOZ

(Alto-falante:) Notícia de falecimento: morreram todos os heróis. Outra vez o gongo.

VOZ

Transmitimos a notícia do falecimento de todos os heróis. Sob uma luz vermelho-amarelada, surgem os atores, formando um coro. Vestem longas túnicas e estão com máscaras.

CORO

(Cantam:)

Morreram, morreram todos
de ridículo e de vergonha
ante o advento do herói-definitivo.
Humilhados, ofendidos, morreram, morreram todos
os personagens da tragédia universal.

ATOR

(Grita:)

Há um botão atravessado na garganta do universo!

OUTRO ATOR

É o gogó da humanidade, é o gogó de Deus!

CORO

(Canta:)

Não é botão que se abra em flor,
que desabroche em vida e perfume,
não é botão que adorne a camisola
da noiva desejada
e desabotee em prazer e amor
ao doce apelo da fecundidade.
É o contato fatal entre dois polos,
fim de todos os fins.

ATOR

Botão que espera o dedo assassino, exterminador, que o virá
premiar e o fará parir o feto atômico.

CORO

(Canta e Dança:)

De que cor será
Será
vermelho, azul, lilás,
será
o botão que nos mandará
a todos para o nada?

Apagam-se as luzes.

Sobre a tela, projeta-se o filme.

CENA 1 - CAMPO DE BATALHA - EXT/NOITE PLANO

GERAL - Bombardeio. Fogo de artilharia.

CENA 2 - TRINCHEIRA - EXT/NOITE

A trincheira brasileira é violentamente bombardeada. Os soldados estão tomados de pânico. Roque entre os soldados.

CENA 3 - TRINCHEIRA - EXT/NOITE

Explode uma granada. Um soldado é ferido. Roque é quase soterrado.

Close - seu rosto reflete a gravidade da situação.

CENA 4 - TRINCHEIRA - EXT/NOITE

PLANO GERAL - A trincheira continua a ser duramente castigada pelo bombardeio. Um soldado cai morto; mais outro.

CENA 5 - TRINCHEIRA - EXT/NOITE

Roque olha em torno, sente que é preciso tomar uma decisão.

Galga o alto da trincheira, subitamente, ante os olhares estarecidos dos companheiros, numa das mãos o fuzil, na outra a bandeira brasileira.

CENA 6 - TRINCHEIRA - EXT/NOITE

No alto da trincheira, brandindo o fuzil, Roque solta um terrível grito de guerra, um grito selvagem, alucinado e precipita-se contra as linhas inimigas.

CENA 7 - CAMPO DE BATALHA - EXT/NOITE

Brandindo o fuzil e gritando sempre, Roque corre em direção às posições adversárias. No meio do caminho é metralhado, cai varado de balas.

CENA 8 - TRINCHEIRA - EXT/NOITE

Encorajados pelo heroísmo de Roque, os soldados brasileiros abandonam a trincheira e avançam em massa.

MALTA

(Discursa off:)

Foi um herói, minha gente, um cabra macho. Graças a ele, as tropas brasileiras na Itália conquistaram seu primeiro triunfo.

Graças a seu gesto magnífico, lançando-se de peito aberto contra a metralha, aquele batalhão, encorajado pelo seu exemplo, levou de roldão as terríveis hordas nazistas.

CENA 9 - CAMPO DE BATALHA - EXT/NOITE

O corpo de Roque, estendido no solo, e as botas dos soldados brasileiros que saltam por sobre ele. São dezenas, passando, ininterruptamente, para o ataque, para a vitória. A câmara detalha a

bandeira brasileira cravada no solo, tremulando, até o letreiro final:
THE END

PRIMEIRO ATO

PRIMEIRO QUADRO

Apaga-se a tela. Estamos na Praça, diante do monumento a Cabo Roque. O monumento está coberto pela bandeira brasileira. Num palanque voltado para a plateia; Porcina toda de preto, um véu cobrindo-lhe o rosto, Chico Malta, Padre Hipólito, Florindo Abelha, Mocinha, Zé das Medalhas e Dona Pombinha.

Porcina é uma mulher de trinta e cinco anos, aproximadamente, de beleza um tanto vulgar. Toda ela, aliás, recende a vulgaridade, ostentação e cafonice. Uma certa linha, um certo ar de grande dama que procura manter em público, são inteiramente falsos. E, no fundo, ela se sente muito mal quando não está no seu natural, que é o da fêmea inteiramente livre de peias e preconceitos. Suas concepções morais são primitivas e simplistas, custando-lhe muito compreender que deva exercer certo controle sobre seus impulsos sexuais. No entanto, esse aparente despudor é que lhe dá uma surpreendente humanidade.

Chico Malta, ou **Sinhozinho Malta**, como é mais conhecido, é, além de grande pecuarista, o chefe político local. Deputado federal, demagogo, elegendo-se à custa da ignorância de uns e da venalidade de outros, convicto, entretanto, de ser credor da gratidão de todos pelas benfeitorias que tem conseguido para a cidade. E talvez seja, até certo ponto. É dessa classe de políticos - bem numerosa, aliás, entre nós - que acha que o relativo bem que fazem os absolve de todo o mal que espalham. Podia-se atribuir a ele aquela célebre frase: "Política se faz com a mão esquerda na consciência e a direita na merda."

Florindo Abelha, Prefeito de Asa Branca, é um homem de Chico Malta. Depende inteiramente de seu prestígio e submete-se a ele. Se bem que procure realizar alguma coisa e projetar-se por conta própria, faltam-lhe personalidade e chute. Chico Malta lhe permite posar de autoridade e ele não é capaz de ir muito além disso. Tenta ser um administrador moderno, mas é, no fundo, um primário.

Padre Hipólito é uma figura contraditória. Tão contraditória quanto a própria Igreja Católica. É já de meia-idade e os anos que tem na paróquia lhe permitiram assistir ao crescimento da comunidade. É a única pessoa que possui uma visão global desse desenvolvimento

desigual e desordenado em que, sob os rótulos de progresso e civilização, entram, de contrabando, os germens que irão contaminar a futura sociedade dita civilizada e cristã. Consciente disso, Padre Hipólito trava uma violenta batalha contra a corrupção dos costumes, que cresce com a própria cidade. Sem uma visão nítida do processo histórico, combate os efeitos, esquecendo as causas. E, contraditoriamente, sua paróquia se beneficia dessa mesma corrupção que ele combate. Essa obsessão, essa ideia fixa - o combate às prostitutas que invadem a cidade - é a cristalização de uma revolta decorrente da consciência que tem de sua impotência para impor a própria concepção moral.

Mocinha, filha do Prefeito Florindo Abelha, é um temperamento marcado pela frustração sexual. Foi levada ao voto de castidade menos por inclinação mística do que pelo desejo de transformar em culto essa mesma frustração. De maneira curiosa, ela se sente justificada desse modo. A figura que encarna de “virgem abandonada”, sublima em sua renúncia, satisfaz inteiramente a sua vaidade e aplaca a sua histeria. Esta explode, no final, quando ela se sente roubada e ridícula.

Zé das Medalhas é, talvez, o mais bem-sucedido de todos os exploradores do mito de Cabo Roque. Enriqueceu fabricando medalhinhas com a efígie do herói da terra, detendo hoje o monopólio desse comércio, que procura ampliar, importando máquinas modernas, que dão a medida de sua ambição.

Dona Pombinha é esposa de Florindo Abelha e mãe de Mocinha. Sua religiosidade se aproxima ao fanatismo. Seu moralismo exacerbado é, talvez, um equívoco dessa mesma religiosidade.

CHICO MALTA

(Continuando o discurso:)

Essa glória, que há de ficar para sempre gravada nas páginas da História, é também nossa, porque foi este o solo que lhe serviu de berço. Tou certo ou tou errado?

FLORINDO

Tá certo.

ZÉ DAS MEDALHAS

Certíssimo.

MALTA

Mas foi preciso que se derramasse o sangue de um herói para que as autoridades federais tomassem conhecimento deste lugar, até então esquecido de Deus e dos homens. O feito heroico de Cabo Roque atraiu para esta cidade jornalistas, cinegrafistas e turistas de toda parte. No entanto é preciso que se saiba também, meus patrícios, meu povo, que nada disso teria acontecido se este amigo de vocês não tivesse, na Câmara Federal, lutado como lutou para trazer até aqui o progresso, as conquistas da civilização cristã.

TONINHO JILÓ

(Na plateia.) Viva Sinhozinho Malta!

TODOS

Viva!

Aplausos.

MALTA

Sei que não fiz mais do que o meu dever. Não fiz mais do que me mostrar digno de Cabo Roque, símbolo da coragem, da macheza e do espírito de sacrifício dos homens de Asa Branca, do mesmo modo que aquela a quem deixou viúva é o símbolo da pureza e da honestidade de nossas mulheres.

MOCINHA

(Reage com deboche.) Ah-ah...

POMBINHA

(Repreendendo-a:) Mocinha!

MALTA

E ninguém melhor do que ela, a Viúva Porcina, a viúva do herói, ninguém mais merecedora de inaugurar esse monumento, erigido pelo povo de Asa Branca ao maior de seus filhos.

Aplausos.

Porcina levanta o rosto e o véu.

Sorri para a plateia, um sorriso de declamadora escolar em festa de fim de ano.

PORCINA

(Falando baixo, para Chico Malta:) E agora, Chico, o que é que eu faço?

MALTA

Não lhe disse? Puxe a bandeira.

PORCINA

(Tenta retirar a bandeira que cobre o monumento, não consegue.)
Algum sacaneta prendeu a bandeira lá atrás.

MOCINHA

É nada, isso é porque ele não quer ser inaugurado por ela.

Florindo faz sinal para ela calar-se, enquanto Sinhozinho Malta consegue desprender a bandeira.

Aplausos.

Porcina agradece, sorrindo, como se a homenagem fosse para ela.

PORCINA

(Após ligeira hesitação.) Eu acho que devo agradecer, não é? Já que ele, coitadinho, não pode. Se pudesse, vocês iam gostar, porque falava tão bem, dizia coisas tão bonitas...

Malta pigarreia e lança lhe um olhar de reprovação.

Ela percebe.

PORCINA

Bem, mas isso não interessa. O que eu queria dizer é que estou muito contente, não sabe? Ah, vocês não imaginam como eu estou contente. E Roque também, lá no céu, deve estar.

MOCINHA

Ele deve estar é envergonhado.

PORCINA

(Escuta.) O que foi que você disse, sua lambisgóia?

MOCINHA

(Enfrenta-a:) O que você escutou.

FLORINDO

(Procura evitar que as duas se atraquem.) Que é isso, minha filha!

POMBINHA

Cale essa boca, Mocinha!

PORCINA

Sua despeitada dum a figa!

MALTA

Porcina!

FLORINDO

(Contendo a filha:) Não faça escândalo. Estamos numa cerimônia cívica.

Mocinha desce do palanque e sai correndo.

POMBINHA

Essa menina...

FLORINDO

(Para Porcina:) Me desculpe... É que ela foi noiva dele...

PORCINA

Ela foi noiva, mas eu fui esposa...

MALTA

Vamos acabar logo com isso.

PORCINA

(Continuando:) Bom... como ia dizendo, viúva é sobejo de defunto. Um homem faz falta e o preto não é cor que assente em qualquer pessoa. Mas quando a gente é viúva de um homem que morreu de morte não bonita, não pode se queixar, não é mesmo?

E quando a gente perde um marido, mas ganha uma estátua igualzinha a ele, até parece que não é mais viúva. Se bem que haja muita diferença, vocês entendem. Sem querer desfazer da estátua, que é pra lá de porreta. Mas é que uma estátua a gente não pode levar pra casa, vestir um pijama nele e levar pra cama, não é, não pode. Mas eu não me queixo não. Estou muito contente. E agradeço. Por mim e por ele.

Todos aplaudem.

Porcina distribui sorrisos de miss em passarela.

Foguetes espocam no ar.

MALTA

(Avança até o proscênio e canta:)

Não são os heróis que fazem a História
é a História

que faz os heróis.

Porém no caso aqui do nosso Roque,

terá sido a História

ou teremos sido nós?

Isso será esclarecido

no decorrer

de nossa estória.

Mas o que mais importa agora

é saber que sem ele

que sem toda a sua glória

este lugar não conheceria

as maravilhas do capital

nem gozaria das delícias

dessa civilização cristã e ocidental.

TODOS

e ocidental
e ocidental.

SEGUNDO QUADRO

Duas quermesses ocupam as extremidades da praça embandeirada. Numa delas estão Dona Pombinha e Mocinha.

Na outra, Porcina. Ouve-se uma banda executando um dobrado. Toninho Jiló atravessa a praça com uma pilha de livretos: literatura de cordel.

TONINHO JILÓ

(Canta:)

Vamos, minha gente, vamos
melhorar sua cultura
o “ABC de Cabo Roque”
é obrigatória leitura
o homem não vive só
de mastigar rapadura.
A estória que vão ler
se passou lá nas Oropa
e demonstra que na guerra
brasileiro não é sopa
quando entra numa briga
não teme sujar a roupa.

POMBINHA

Medalhinhas de Cabo Roque. Compreem que é em benefício de nossa igreja.

PORCINA

Um bilhete da tômbola que vai correr daqui a pouco. É pra consertar o telhado da igreja que tá pra desabar.

Florindo Abelha entra.

PORCINA

Seu Florindo Abelha...

FLORINDO

Boa tarde, viúva Porcina.

PORCINA

Bilhetes da tômbola, fica com um...

FLORINDO

Com muito prazer. *(Paga.)*

MOCINHA

(Indignada.) Mãe, o pai tá comprando na barraca daquela perua!

POMBINHA

Calma, Mocinha, não faça escândalo.

PORCINA

Obrigada, seu Prefeito. Bilhetes para a tômbola...

Florindo se dirige à barraca de Pombinha e Mocinha.

FLORINDO

Olá.

POMBINHA

Olá, não, vai ter que comprar uma medalhinha. Se andou comprando na barraca da viúva...

FLORINDO

(Examina as medalhas.) Medalhinhas bem-feitas... Zé das Medalhas tá caprichando...

POMBINHA

Ele comprou uma máquina moderna que cospe uma medalha por segundo.

FLORINDO

Eu soube. Uma tal de fresadora pantográfica. Máquina importada. Tá podre de rico o danado.

Entram Matilde, Ninon e Rosali.

MOCINHA

(Escandalizada.) Olha que atrevimento!

POMBINHA

Essas mulheres aqui... é muito desaforo!

MATILDE

(Pisca o olho para o Prefeito.) Boa tarde, seu Prefeito.

FLORINDO

Boa tarde.

POMBINHA

Florindo Abelha!

FLORINDO

Questão de educação. Cumprimentaram, eu respondi.

MOCINHA

Pai, o senhor, como Prefeito, devia expulsar daqui essas vagabundas.

POMBINHA

É incrível que elas tenham o descaramento de vir a uma festa da igreja!

NINON

Que é que essas beatas tão resmungando?

MATILDE

Sei lá. Uma delas é a tal que foi namorada de Cabo Roque. E depois que ele morreu jurou morrer cabaço.

ROSALI

Até que não vai ser difícil: quem é que quer um bucho desses?
As três riem.

POMBINHA

Eu vou chamar o Vigário. É muito desaforo.

FLORINDO

Pombinha, não faça isso...
Pombinha sai.

PORCINA

Um bilhete da tômbola que vai correr daqui a pouco...
Matilde, Ninon e Rosali se acercam da barraca de Porcina.

MATILDE

Boa tarde, viúva.

PORCINA

Boa tarde, dona Matilde. Vai comprar um bilheteinho?

MATILDE

A senhora não tem uma relíquia, um pertence qualquer que tenha sido de Cabo Roque? Diz que dá sorte.

PORCINA

Tenho não. Aqui é só bilhete pra tômbola. Mas a senhora procure por aí que encontra. Já venderam tanto amuleto feito da farda do falecido que, se juntassem tudo, dava pra fardar o exército brasileiro todinho.

Toninho Jiló escuta e chama Matilde à parte.

TONINHO JILÓ

Vosmincê quê uma relíquia de Cabo Roque?

MATILDE

Queria.

TONINHO JILÓ

(Tira do bolso um pequeno objeto.) Uma prosperidade.

MATILDE

Que é isso?

TONINHO JILÓ

Tá vendo não? É um botão, não sabe, da cueca de Cabo Roque. Dá sorte e faz parir filho macho.

MATILDE

(Incrédula.) Da cueca dele mesmo?

TONINHO JILÓ

Oxente, só não peço o testemunho da viúva porque seria desrespeito. Pode levá sem susto, dá uma sorte arretada.

MATILDE

Quanto é?

TONINHO JILÓ

É só cem paus. Tenho também um amuleto feito da farda de Cabo Roque e benzido pelo Vigário...

Chico Malta entra e vai direto à barraca de Porcina.

PORCINA

Bilhetes da tómbola que vai correr daqui a pouco.

MALTA

Inda não vendeu tudo?

PORCINA

Que nada. Ande, compre o resto pra ver se acaba logo com isso. Tou farta.

MALTA

(Ri, tira uma nota da carteira.) Pronto, me dá o resto.

PORCINA

Nunca pensei que ser viúva de herói fosse tão chato.

MALTA

Tem suas compensações...

PORCINA

Tem, é claro. Senão eu não tava aguentando há quinze anos essa amolação. E a coisa tá piorando. Antigamente, só se comemorava o aniversário da morte; depois, passou-se a comemorar também o nascimento; agora, o Vigário inventou de festejar até a primeira comunhão.

MALTA

É bom. Tudo isso é bom. Quanto mais festas, melhor.

Movimenta a cidade, o comércio. É gente que vem, dinheiro que entra.

PORCINA

Ganham os camelôs, as raparigas, os bicheiros, os trambiqueiros.

MALTA

Todos ganham, todos ganham.

PORCINA

E eu que engula discurso, sermão, quermesse, todo esse bolodório.

MALTA

Quando tivermos a estrada de rodagem, então vai ser uma beleza.

PORCINA

Sai mesmo essa estrada?

MALTA

Ora, já tá no meio. E fica pronta dentro de um ano. Pra semana vou a Brasília apressar a liberação da verba.

PORCINA

Sabe o que estão dizendo por aí? Que você só lutou por essa estrada pra valorizar suas terras.

MALTA

Gente ingrata. Uma estrada que vai beneficiar todo mundo. Quando que esse cafundó-do-judas sonhou em ter uma estrada asfaltada ligando diretamente a Salvador? Agora, só porque a estrada passa pela minha fazenda... Mas não ia ter de passar por algum lugar? Não ia ter que valorizar as terras de alguém? Pois então que valorize as minhas, que fui quem pariu a ideia. Tou certo ou tou errado?

PORCINA

Eu acho que tá certo. Eles é que não acham.

MALTA

Eles, quem?

PORCINA

Esses que dizem que a estrada vai dar uma volta enorme só pra passar por suas terras.

MALTA

Volta enorme. Uma voltinha de nada.

PORCINA

Você bem que podia ter dado um jeito da estrada passar também pela minha fazenda.

MALTA

Isso também era demais. Sua fazenda fica no norte do município, a estrada vem do sul.

PORCINA

(Saindo, com Chico Malta.) Oxente, uma voltinha a mais, uma voltinha a menos...

Entram Pombinha e Padre Hipólito.

Ela aponta para as raparigas.

POMBINHA

Lá estão elas.

PADRE HIPÓLITO

Era só o que faltava?

NINON

Chi, a beata foi chamar o Vigário. Vamos embora.

MATILDE

Eu daqui não saio, não arredo pé. Tou na rua, não tou na igreja.

ROSALI

Matilde, tu sabe como é esse padre. Vai fazer um fuzuê.

MATILDE

Que faça. Tenho medo de homem que veste saia?

PADRE HIPÓLITO

(Aproximando-se das raparigas.) Por favor, saiam daqui.

NINON

Mas a gente tá muito bem aqui, padre.

PADRE

Por Deus, não me façam perder a paciência.

Pombinha e Mocinha se colocam ao lado do Padre.

MATILDE

Que é, vão querer briga?

MOCINHA

É o cúmulo! Não respeitam nem o Vigário!

FLORINDO

Mocinha, vamos com calma. Padre, elas têm o direito...

PADRE

Me admira o senhor, o Prefeito, ficar do lado dessas...

FLORINDO

Não estou do lado de ninguém.

POMBINHA

Uma imoralidade. Fazendo trotoá em frente da igreja!

FLORINDO

Calma, Pombinha, calma... Tudo se resolve...

(Volta-se para as raparigas:) Dona Matilde, por favor... vão embora, não me arranjam encrenca com o Vigário. As eleições estão aí, não posso me indispor com a igreja...

MATILDE

Tá bem, a gente vai porque o Prefeito pediu. Não porque a gente tenha medo dessas papa-hóstias.

(Mostra a língua, num gesto insultuoso.)

Pombinha e Mocinha revidam com o mesmo gesto.

MATILDE

(Canta:)

A Constituição nos garante
o direito de ir e vir.

FLORINDO

Artigo 141...

MATILDE

Ninguém pode nos impedir. *(Bis)*
Vivemos num regime de livre empresa
que é a base do capitalismo com certeza.

NINON E ROSALI

Mas que beleza!

AS TRÊS

Cada qual vende aquilo que pode
e como quer,
segundo a lei da oferta e procura
ao bel-prazer
e quem compra
compra por gosto
e só se requer

FLORINDO

Que pague imposto.

As prostitutas viram as costas e levantam as saias, mostrando a bunda.

Padre Hipólito, Pombinha e Mocinha reagem, horrorizados.

TERCEIRO QUADRO

Em casa de Porcina.

Ela troca de roupa.

MALTA

Só sei que, com essa história de comemorar o aniversário da primeira comunhão de Cabo Roque, o Vigário tirou um dinheiro nas quermesses.

PORCINA

De quem foi a ideia?

MALTA

Foi minha. Assim ele não enche mais o saco da gente com o teto da igreja que tá pra desabar.

PORCINA

E será que Cabo Roque fez mesmo a primeira comunhão?

MALTA

E eu sei lá. Mas deve ter feito. Não sabe que ele, quando menino, era coroinha?

PORCINA

Daqui a pouco você vai querer me convencer de que ele era um santo.

MALTA

Por que o espanto? Tem muita gente que acha. Há até quem garanta que, na guerra, antes de morrer, ele teve uma visão e escutou uma voz: “Vai! Avança! Avança!”

PORCINA

Devia ser algum soldado alemão amigo da onça.

MALTA

O povo acredita que era o Senhor do Bonfim. Você vai contradizer o povo?

PORCINA

É uma gente muito tola.

MALTA

Não tanto quanto você pensa. Sabe que já andam falando de nós? Por mais cuidado que eu tenha.

PORCINA

Também o que era que você queria? Que isso ficasse eternamente em segredo, numa cidade do tamanho de Asa Branca, onde tudo se sabe?

MALTA

Eu sei que isso é difícil. Mas sempre se pode manter a questão num ponto em que muita gente tenha dúvidas. Uma coisa é dizerem que Sinhozinho Malta dorme com a viúva de Cabo Roque, outra coisa é baterem uma fotografia dos dois na cama.

PORCINA

Fizeram isso?!

MALTA

Não, Porcina, tou só comparando. E não é por mim que tomo precauções, é mais por você.

PORCINA

E eu tou ligando? Qual é o meu?

MALTA

Mas tem que ligar, Porcina. É preciso que o povo imagine que a viúva de Cabo Roque é uma mulher honesta.

PORCINA

E eu não sou honesta? Só dou pro homem que gosto.

MALTA

Claro que isso não é desonestidade. Mas, sabe, Asa Branca é uma cidade atrasada, agora é que tá tomando um cheirinho de civilização...

PORCINA

(Ri, maliciosa.) Se eles soubessem...

MALTA

O quê?

PORCINA

O que o deputado e a viúva fazem quando se trancam no quarto...

MALTA

(Ri, também. Dá uns latidos.)

PORCINA

Vem, cachorrinho, vem... Lambe a minha mão... me lambe, cachorrinho...

Ele lambe a mão dela, o braço, cai de quatro, latindo, e vai lambe as pernas, quando se ouve uma sineta de porta.

Ele se levanta de um salto.

MALTA

Tá esperando alguém?

PORCINA

Deve ser a Matilde, ela ficou de trazer o dinheiro do padre.

MALTA

Então eu vou embora. É melhor que ela não me veja aqui.

PORCINA

Saia pela porta dos fundos.

MALTA

(Beija-a) Volto de noite.

(Sai.)

PORCINA

Sei não... às vezes eu penso que era melhor ter ficado lá em Salvador. Vivia roendo beira de pinico, mas pelo menos podia roer do jeito que quisesse. Não me queixo do velho não, ele tem sido muito legal comigo. E até que é bom de cama. Ingratidão também dizer que ele não faz tudo pra me agradar. Não largou da mulher pra

casar comigo, mas não fosse ele e eu não era hoje o que sou, dona de fazenda, com pensão do Estado, considerada, bajulada. Só não sei se tudo isso vale a liberdade da gente fazer o que dá na veneta... É claro que nada me impede de pular a cerca de vez em quando e pregar uns chifres na testa do deputado...

Ora, eu sou moça e não vou me enterrar antes do tempo, não é?
(*Canta:*)

Sei não
é que às vezes me bate
uma saudade lerda
uma saudade doida
daqueles bons tempos
dos tempos da merda.
Eu não era ninguém
Eu não tinha vintém
mas não era também
mulher de ninguém
Eu fui pobre
bem sei que doeu,
mas eu era mais eu.

Matilde entra.

MATILDE

Dá licença?

PORCINA

Dona Matilde, como vão os negócios?

MATILDE

Andavam muito fracos. Mas este mês, não sabe, com o calor, as festas e ajuda de Deus, melhoraram bastante. A gente não pode se queixar.

PORCINA

Muita gente de fora, muito homem em jejum... as meninas devem ter sido muito procuradas...

MATILDE

Se foram, minha senhora. Trabalharam tanto que tou até pensando em fechar a casa por uma semana e dar férias a todas elas.

PORCINA

É justo.

MATILDE

Merecem, a senhora não acha? Ah, eu sou assim, o que é direito é direito. Quando o deputado exigiu que eu desse uma percentagem ao Vigário como condição pra deixar abrir um “castelo” aqui em Asa Branca, eu disse: é direito. E a viúva é testemunha de que nunca atrasei. Aqui tá a quota deste mês. *(Entrega um maço de notas a Porcina.)*

PORCINA

Boa bolada.

MATILDE

Se a gente vive do pecado e o pecado é obra de Satanás, a gente se aproveita dele pra ajudar o povo de Deus e o Diabo é passado pra trás.

PORCINA

E Deus deve dar boas gargalhadas.

MATILDE

E deve fazer um descontozinho na nossa conta, estamos trabalhando pra Ele também, é ou não é? Mas a gente trabalha satisfeita quando vê que o negócio tá se desenvolvendo, que a clientela tá aumentando e que ninguém tem queixa do nosso serviço.

PORCINA

Ouvi dizer que a senhora tá pensando em abrir uma filial.

MATILDE

Uma boate. Já tenho até o nome: Boate Sexus. Foi o Professor Astromar Junqueira, um freguês antigo, que fala tudo que é língua, até latim, que botou esse nome.

PORCINA

Mas é uma boate mesmo?

MATILDE

Um inferninho... A senhora entende, o negócio hoje tá se sofisticando... e a gente tem que estar em dia. Aquele velho bordel do nosso tempo...

PORCINA

Do seu tempo.

MATILDE

Desculpe... Não existe mais. No Rio de Janeiro, o que é que a senhora pensa? As profissionais hoje são todas moças das melhores famílias, com curso universitário e coisa e tal.

PORCINA

É o progresso.

MATILDE

Mas o Prefeito é um homem muito atrasado. Não quer deixar abrir a boate.

PORCINA

Não será o Vigário?

MATILDE

Também ele. Vive fazendo sermão contra nós, ameaçando com o fogo do inferno e o espeto do Cão.

PORCINA

E vocês que ajudam tanto à Igreja...

MATILDE

Mas não adianta não. Esse padre é gira... Recebe o dinheiro e dana de xingar a gente. Sabe como esse povo é metido a puritano. Chegam a bater porta e janela quando eu passo na rua. E fazem o mesmo com as minhas meninas. Inda outro dia, a senhora não

soube não? Quiseram apedrejar nossa casa, depois de ouvir uma dessas arengas do Vigário.

PORCINA

É uma gente muito atrasada, dona Matilde. Não entende que isso é uma consequência do progresso da cidade.

MATILDE

E eu só trago pra cá meninas de bom comportamento, boa saúde e bom caráter. Saiba a senhora que hoje em dia isso não é fácil. Não é mais como no meu tempo, quando se levava a sério a profissão. Hoje não há mais disciplina, respeito, essas meninas estão com a cabeça cheia de ideias. Chegam até a se voltar contra mim, achando que eu exploro elas. Veja só, eu que faço tudo, que sou uma mãe para elas. Claro, tenho que tirar a minha parte, também preciso viver. Mas explorar, nunca explorei. Deus é testemunha. (*Confidencial.*) Veja se a senhora fala com o deputado. Se ele mandar, o Prefeito dá o alvará. E eu sei que ele faz tudo que a senhora quer...

PORCINA

Pode deixar, eu vou falar com ele. Afinal de contas, não é justo que, por causa de meia dúzia de carolas, se trave o desenvolvimento da cidade. Asa Branca não pode parar.

MATILDE

Pois não é? Porque eu reconheço, minha casa é acanhada, sem conforto, não tá à altura da importância da cidade.

PORCINA

Desanime não, dona Matilde. Quem abre caminho enfrenta as cobras.

MATILDE

Mas é mesmo pra desanimar. A gente quer contribuir pro adiantamento do lugar, mas qual, a mentalidade dessa gente... Ah, se não fossem a senhora e o deputado Chico Malta, isso aqui ainda era aquele borocotó de antes da guerra.

PORCINA

A senhora também tem colaborado muito.

MATILDE

E não colaboro mais porque não me deixam.

PORCINA

Comigo a senhora pode contar. Claro, conservando todo o sigilo. Sabe, a minha posição...

MATILDE

Ora, minha senhora, o sigilo é a alma do meu negócio.

PORCINA

Se não fosse a minha posição, eu até que ia de vez em quando lá no seu “castelo” dar uma mãozinha...

MATILDE

Se a senhora quiser... Tenho fregueses, coronéis, que dariam uma boiada por uma noite com a viúva...

PORCINA

Tá doida, mulher? É só um comichão que me dá de vez em quando aqui entre as pernas. Oxente, eu sou a viúva de Cabo Roque, viúva de um herói. Tenho que manter a dignidade.

MATILDE

Desculpa, foi a senhora quem falou. Eu não ia ter o atrevimento.

PORCINA

Esqueça isso. Boa noite.

MATILDE

Boa noite. *(Sai.)*

PORCINA

(Abre um pequeno maço de notas, folheia-as.) Juros para a conta de Deus.

(Canta:)

No Banco da Perdição

Deus tem conta sem limites.
E que importa
se o Banco opera
a juros altos
faz agiotagem
se final os juros vão
ser creditados
na conta de Deus.
Dinheiro não tem sabor
nem qualidade, nem cor,
não tem moral nem razão,
nem bem nem mal
nem tradição,
o capital é uma religião
que está pra além
de toda e qualquer religião.

QUARTO QUADRO

Bordel.

Ninon e Rosali recebem efusivamente Zé das Medalhas.

NINON

Seu Zé das Medalhas!

ROSALI

Há quanto tempo!

ZÉ DAS MEDALHAS

(Tem o peito coberto de medalhas, como um general. Do pescoço pendem também medalhas e amuletos, os braços cheios de pulseiras.) Não tenho tido tempo pra nada. É dia e noite metido na minha fábrica.

NINON

(Abraçando-o sensualmente.) Mas nem de noite?...

ZÉ DAS MEDALHAS

De noite eu chego em casa tarde, arreventado e... nem minha mulher... A coitadinha tá em jejum nem sei há quanto tempo Também, ela não liga muito pra isso... Reza e comunga todos os dias... A hóstia parece que tira o apetite...

ROSALI

(Passa a mão no sexo dele.) E o seu apetite, como vai?

ZÉ DAS MEDALHAS

(Ri.) Rosali... Ninon... tava com saudade de vocês... *(Tira do bolso algumas medalhas.)*

Olha, trouxe um presentinho...

NINON

Medalhinhas de Cabo Roque!

ZÉ DAS MEDALHAS

E folheadas a ouro.

ROSALI

Ouro mesmo?

ZÉ DAS MEDALHAS

Artigo de luxo.

Ninon e Rosali colocam as medalhinhas, que já vêm com corrente, no pescoço. Zé ajuda.

ZÉ DAS MEDALHAS

Comprei uma fresadora pantográfica.

NINON

Comprou o quê?

ZÉ DAS MEDALHAS

Uma fresadora pantográfica. Uma máquina de fabricar medalhas. Moderníssima. Mandei vir do Japão. Cunha centenas de medalhas por minuto. Agora vou poder exportar. Vou medalhar o Brasil inteiro.

NINON

(Sensual.) E o que é que eu posso fazer por você pra pagar o presentinho?

ZÉ DAS MEDALHAS

Bem, dei as medalhas sem nenhum interesse. Oferta da casa. Agora, se as meninas quiserem retribuir...

ROSALI

A gente não pode. Matilde não deixa... Ela diz que puta não pode dar de graça, é uma questão de ética.

ZÉ DAS MEDALHAS

Eu entendo. Não devem. Senão avacalha o negócio. E negócios são negócios. Vamos trabalhar.

Ninon e Rosali iniciam uma dança sensual.

Zé fica logo excitado.

Tenta agarrá-las, elas se esquivam.

O jogo se desenvolve durante um tempo.

Até que elas é que o agarram, carregam no colo e saem com ele.

QUINTO QUADRO

Praça.

Está deserta.

Um rapaz de uns trinta e cinco anos, aproximadamente, capa, chapéu, maleta de viagem, entra e pára diante da estátua, intrigado.

RAPAZ

(Lê a inscrição no monumento.) “O povo a seu herói.”

Entra Matilde.

RAPAZ

Olá...

MATILDE

Olá.

RAPAZ

Escuta, quem é esse camarada?

MATILDE

É o nosso herói.

RAPAZ

Herói?

MATILDE

(Nota a mala.) O senhor é daqui não?

RAPAZ

Quer dizer, estou chegando.

MATILDE

Também foi a única coisa que aconteceu nesse cu de mundo. Aqui se pariu um herói.

RAPAZ

Então a cidade ficou importante.

MATILDE

É, pro que era... Eu tou aqui há cinco anos.

RAPAZ

Faz quinze anos que a guerra terminou.

MATILDE

Não conheci isso antes da guerra. Mas devia ser o fim da picada. Um cafundó que nem o diabo era capaz de vir aqui fazer piquenique. Nem diversão tinha. Hoje uma pessoa tem aonde ir à noite. Se gosta de jogo, tem o cassino do Grande Hotel e outros por aí. Se é um moço simpático, com cara de mulherengo, tem a minha casa...

(Pisca o olho, significativamente.)

RAPAZ

(Surpreso.) Casa de raparigas, aqui?

MATILDE

É a única da cidade. Mas respondo por ela. Moças bonitas, experientes, saudáveis, não essas tabaroas, meninas da capital, escoladas, viajadas.

RAPAZ

E eles permitem?

MATILDE

Eles, quem?

RAPAZ

O Prefeito, o Vigário...

MATILDE

O Prefeito é um bunda-mole, não manda nada. Quem faz e desfaz nesta terra é Sinhozinho Malta. É um homem instruído, deputado federal, e, aqui entre nós, apesar de casado, louco por um rabo-de-saia.

RAPAZ

A senhora sabe se ele está na terra?

MATILDE

Indagorinha mesmo vi ele sair da casa da viúva. Ele pensa que eu não vi.

(Ri.) Seu menino, o velho é danado...

RAPAZ

Acho que é a primeira pessoa com que devo falar. A senhora sabe onde eu posso encontrar...?

MATILDE

Quem pode dizer é a viúva. É cacho dele.

RAPAZ

Onde ela mora?

MATILDE

Ali, naquele sobrado. *(Aponta.)*

Depois do deputado, é quem manda na cidade. E não é má pessoa não. Podia ser uma fulana cheia de fonfansa, de canganha, mas ao contrário, com ela se consegue tudo.

RAPAZ

Então eu vou até lá.

MATILDE

Mas, olhe, não vá dizer que fui eu que mandei.

RAPAZ

Claro.

MATILDE

E apareça lá em casa. Gostei da sua cara. Bem se vê que não é daqui, tem cara de anjo.

RAPAZ

(Sorri.) Sou capaz até de passar a noite lá, se não encontrar onde dormir.

MATILDE

Pois vá, que eu dou um jeito. Sabe onde é? Passando a cadeia, a segunda casa. Pergunte pelo “castelo de Matilde”, que todo mundo

sabe.
(Canta:)

Vai lá, rapaz
é uma casa de paz e respeito,
o freguês sempre sai satisfeito.
Em matéria de amores
nós temos artigos de todo o matiz,
em grande quantidade
tantas novidades
segundo a moda de Paris.

RAPAZ

Tá bem, já sei.
eu conheço esse mundo de cor
estou bem-informado
letrado
escaldado
e já sou diplomado
nas tecnologias modernas do amor.

MATILDE

Vai lá...

RAPAZ

Já sei...

MATILDE

Em matéria de amores
temos artigos de todo o matiz
em grande quantidade
tantas novidades
segundo a moda de Paris.

SEXTO QUADRO

Casa de Porcina.

O rapaz está de costas, quando ela entra.

PORCINA

Tá querendo o quê? *(Vendo a mala.)*

Vender alguma coisa? Não quero comprar nada.

Ele se volta. Tem a impressão de reconhecê-la.

E ela também.

RAPAZ

A gente não se conhece de algum lugar?

PORCINA

Também tou achando...

(Subitamente.) Meu Deus!... Não, não pode ser! Tou vendo alma do outro mundo!

(Leva a mão aos olhos, cambaleia como se fosse desmaiar.)

RAPAZ

Agora me lembro... Aquela república de estudantes de Salvador...

Você era arrumadeira... Tinha um nome engraçado... Porcina!

PORCINA

(Ela está em estado de choque.) Não, meu Deus, faça com que eu acorde... eu tou sonhando... é um pesadelo... eu vou acordar daqui a pouco e vou ver que nada disso é verdade...

RAPAZ

(Ri.) Por que tanto espanto? Eu fui para a guerra, nunca mais a gente se viu... mas sou eu mesmo. Esqueceu meu nome?

PORCINA

Como é que eu podia esquecer? *(Balbucia:)*

Roque...

ROQUE

Que bom que você se lembra.

PORCINA

(Ainda incrédula.) Você é Roque mesmo?!

ROQUE

Claro que sou. Qual é a dúvida?

(É a criatura humana em suas grandes qualidades e seus grandes defeitos. Um pouco de anjo, um pouco de verme, mas, sobretudo, o homem em sua condição mais autêntica, na consciência de sua franqueza e na determinação de usar de sua liberdade. A ausência nele de algumas virtudes que julgamos essenciais é a consequência da brutal revelação que teve do mundo em que vivemos. Ele pertence a essa geração que, muito antes de chegar à idade da razão, recebeu a notícia, jamais dada a outros antes de nós: o homem adquiriu o poder de destruir a humanidade. Num mundo assim que poderá desaparecer de um momento para outro ao simples premir de um botão, certos conceitos de heroísmo, dignidade, lhe parecem absurdos, ridículos. Sua descontração, seu bom humor, ocultam, na verdade, o trauma provocado por essa tomada de consciência.)

Estou muito diferente? Passaram-se mais de quinze anos. Nunca podia esperar encontrar você, tanto tempo depois, na primeira casa em que entro. Como veio parar aqui? Me disseram que aqui mora uma viúva... É sua patroa?

PORCINA

(Ainda não se refez do choque, e a torrente de perguntas de Roque parece atordoá-la.) Espera, vamos devagar. Você chega assim e já quer saber tudo. E não explica nada. Você me deixa zozona. Temos que ir com calma, parte por parte. Quando você chegou?

ROQUE

Desci do trem agorinha mesmo.

PORCINA

Ninguém te viu?

ROQUE

Você quer dizer gente conhecida? Não, não encontrei nenhum conhecido ainda. Estava à procura de Sinhozinho Malta, que hoje é

deputado, me disseram. Uma mulher que encontrei na praça me disse que quem devia saber dele era uma viúva que mora aqui. Eu podia imaginar tudo, menos encontrar você na casa dessa viúva.

PORCINA

E vai ficar ainda mais espantado quando souber que “eu” sou a viúva.

ROQUE

Você? Mas espere... Aquela fulana disse que você é a mandachuva da cidade.

PORCINA

(Preocupada.) E essa fulana não reconheceu você?

ROQUE

Como, se ela nunca me viu mais gordo? Disse que é dona de um bordel. Isso aqui mudou muito.

PORCINA

Mais do que você pensa.

ROQUE

Quem havia de dizer. Um puteiro em Asa Branca!

PORCINA

A cidade progrediu muito.

ROQUE

E você também. Quem te viu e quem te vê. Lembra-se dos tempos de pensão lá de Salvador?

PORCINA

Se me lembro.

ROQUE

Você não tinha a vida que parece ter hoje. Não era a viúva mandachuva. Seu marido morreu há muito tempo?

PORCINA

Um bocado.

ROQUE

Algum coronel?

PORCINA

(Embaraçada.) Era não. Era um rapaz moderno. Morreu há quinze anos.

ROQUE

Esteve pouco tempo casada.

PORCINA

Pouquinho. Coisa de nada.

ROQUE

Não foi com um dos rapazes lá da república... Eu sei que não era o único... Você não dava exclusividade a ninguém...

PORCINA

(Ri.) Eu era muito doida.

ROQUE

Até diziam que você era a arrumadeira ideal: arrumava os quartos e a vida da gente.

PORCINA

Eram bons rapazes e eu tinha pena deles.

ROQUE

Ah, era por piedade...

PORCINA

Não me custava nada... e todos tinham tanto prazer nisso. Eu também tinha. E naquele tempo, não entendia por que devia me recusar a dormir com um homem, se esse homem me agradava e eu não tinha outro em minha cama. Por que ia machucar, quando podia dar prazer? Eles ficavam tão felizes. E eu, uma simples criada, que podia desejar mais? Era tão importante para eles aquilo que me custava tão pouco. Por que ia negar, não é mesmo?

ROQUE

Você era uma garota engraçada. Me lembro da última vez que foi ao meu quarto.

PORCINA

Você tava superchateado. Tinha sido convocado.

ROQUE

Sempre imaginei que você sentia alguma coisa por mim. Que não ia ao meu quarto como ia ao quarto dos outros.

PORCINA

Acho... acho que você pode pensar assim até que as coisas fiquem mais claras.

ROQUE

Que coisas?

PORCINA

Minha situação, sua situação, a situação de todos, né?

ROQUE

Não estou entendendo.

PORCINA

Engraçado: você chega assim de repente, sem avisar, depois de tanto tempo, e já quer entender tudo. Em quinze anos, muita coisa acontece. Uma mulher pode parir quatorze filhos.

ROQUE

Quatorze filhos?! Todos do falecido?

PORCINA

Não, homem, tou falando em sentido figurado. Pra que você entenda que não se pode desenrolar em quinze minutos uma coisa que foi enrolada em quinze anos.

ROQUE

Você fala como se eu estivesse pedindo explicações. Não tenho nada com sua vida. E nem pense que eu pretendo me aproveitar da situação. Não sou nenhum canalha. Se minha presença aqui vai lhe causar algum problema, faz de conta que a gente não se conhece. Uma noite ou outra, se você quiser matar as saudades... quando o deputado não estiver, é claro...

PORCINA

Ele viaja muito pra Brasília...

ROQUE

(Abraça-a.) Podemos então recordar os velhos tempos da pensão...

PORCINA

(Entregando-se.) Sinto tanta falta de carinho...

ROQUE

O velho não dá mais conta do recado?

PORCINA

Você sabe que eu sempre fui muito exigente.

ROQUE

Em amor, quem muito exige é que muito tem a dar...

Eles se beijam.

PORCINA

(Insinuando:) Você deve estar cansado da viagem...

ROQUE

Se tou. Dava tudo por uma cama.

PORCINA

(Canta:)

E de repente a vida vem
prum beco sem saída...
e a vida é tudo que se tem
e é só um amém.
Nesse caso desse

a solução
é a cama boa, meu irmão
boa comida
calor no coração.

*Porcina e Roque repetem em dueto, saindo, as luzes se apagam em
resistência.*

SÉTIMO QUADRO

A cena está vazia.

MALTA

(Fora.) Não acredito! Não acredito!

PORCINA

(Idem.) Juro, homem de Deus, pelo que há de mais sagrado.

(Entra, em trajes íntimos, procurando conter Chico Malta.)

MALTA

Você tá com um homem no quarto e inventou essa história. Não sou nenhum corno manso pra cair nessa conversa, Porcina. Vou pregar duas balas nesse gigolô e depois acertamos as nossas contas.

PORCINA

(Barrando-lhe a passagem.) E se for ele? E se for Cabo Roque?

MALTA

Só se morre uma vez na vida.

PORCINA

Pois então olhe daqui. Ele tá dormindo.

MALTA

(Olha na direção que ela apontou.) Lá tá o patife esparramado.

PORCINA

Não atire.

MALTA

Nunca matei um homem pelas costas, muito menos dormindo e de cueca.

PORCINA

Olhe bem, veja se não é ele.

MALTA

(Apura a vista.) É... parece... se não é ele, é o Cão disfarçado nele.

PORCINA

Se você não acredita em mim, acredite ao menos nos seus olhos.

MALTA

Minha mãe do céu!... É mesmo o falecido escarrado e cuspidor!

PORCINA

Se convenceu agora?

MALTA

Espere, também não é assim. Um homem vira estátua, vira fita de cinema, de repente aparece de cueca, de bunda pra cima, na cama de minha amante...

PORCINA

Eu tou dormindo ali no sofá, é claro.

MALTA

Não acho nada claro. Principalmente ele estar dormindo na sua cama.

PORCINA

E o que é que você queria que eu fizesse? Que botasse ele pela porta afora?

MALTA

A cidade tem hotel.

PORCINA

E a esta hora a cidade inteira já tava sabendo que ele tá vivo. Antes da gente dar um jeito nessa situação.

MALTA

Que situação?

PORCINA

A minha, oxente. Sou viúva de um homem que não morreu e nunca foi meu marido. Agora o falecido tá. Quero ver como vamos explicar isso a ele. A ele e a todo mundo, porque amanhã a notícia vai correr de boca em boca.

MALTA

(Compreendendo por fim a gravidade da situação.) Vai não!
Ninguém deve saber. É preciso que ele não saia daqui, que não apareça a ninguém. Até eu decidir o que vamos fazer. Não é só o seu caso, a volta desse rapaz vai criar muitos casos.

PORCINA

Foi o que eu percebi logo. Por isso não deixei que ele saísse à sua procura, como ele queria.

MALTA

Fez bem. Bastava que alguém reconhecesse ele na rua para que a notícia se espalhasse.

PORCINA

Se bem que, mais cedo ou mais tarde, vão ter que saber.

MALTA

Não antes de tomarmos certas providências.

PORCINA

Quais?

MALTA

Sei lá. É uma situação tão escalafobética que tou incapaz até de raciocinar. Ele não explicou onde esteve esse tempo todo, não disse por que não morreu, como devia?

PORCINA

Não houve tempo. Ele chegou muito cansado, caiu na cama e dormiu.

MALTA

Não era bom acordar logo ele pra saber logo tudo?

PORCINA

Coitado, ele tá exausto, deixe o pobrezinho dormir até amanhã. Assim a gente ganha tempo pra pensar.

MALTA

Nesse caso eu vou dormir aqui e amanhã cedo...

PORCINA

Dormir aqui? E sua mulher? E você quer que ele saiba logo da nossa ligação?

MALTA

Não, ele não deve saber disso.

PORCINA

Complicava ainda mais as coisas. O melhor é você vir amanhã cedo.

MALTA

Mas não deixe ele sair, nem falar com ninguém, antes de eu falar com ele.

PORCINA

Pode ficar sossegado.

MALTA

(Olha na direção do quarto.) Mas o certo era ele estar no sofá e você na cama.

PORCINA

Ele tá com o corpo moído da viagem.

MALTA

E parece que engordou, o safado. Tá com uma bunda enorme...
(Sai, um tanto desconfiado.)

PORCINA

(Canta, pensativa:)

Eis que a vida da gente
de repente
desemboca num beco
sem saída...

(Arruma-se um pouco e sai na direção do quarto.)

OITAVO QUADRO

Praça. Amanhece.

Roque entra, mergulha num jato de luz, cerra os olhos e seu rosto revela um prazer físico no contato com o sol da manhã. Ele é todo disposição, vontade de viver.

Cantarola uma canção, enquanto pratica alguns exercícios.

Padre Hipólito atravessa a praça apressado.

Roque interrompe os exercícios e a canção, reconhecendo-o.

ROQUE

Padre Hipólito!

O Padre se detém, mas não o reconhece.

ROQUE

Sou eu, Padre. Não me reconhece não?

PADRE

(Ainda sem reconhecê-lo, apurando a vista, ajeitando os óculos.)

Perdão, mas...

ROQUE

Não se lembra mais de mim? Fui seu coroinha... seu aluno de catecismo.

PADRE

(Fingindo lembrar-se.) Ah, sim, Deus abençoe. Desculpe, estou com pressa

(Sai.)

ROQUE

(Chocado.) Será que eu mudei tanto, ou ele ficou cego?

Muda a luz.

Porcina surge na sala.

PORCINA

(Procurando-o.) Roque, onde você tá? Deus do céu, será que ele saiu?

(Roque entra.) Roque, onde você andou?

ROQUE

Fui dar um giro na praça.

PORCINA

Você é louco?

ROQUE

Louco por quê? Fui respirar um pouco de ar puro. Encontrei o Vigário, sabe que ele não me deu a mínima?

PORCINA

Pronto, agora a cidade inteira vai saber.

ROQUE

Saber o quê?

PORCINA

Que você voltou.

ROQUE

E que tem isso?

PORCINA

Chico Malta não quer. Precisa antes conversar com você.

ROQUE

Ele já sabe que eu cheguei?

PORCINA

Esteve aqui ontem à noite. Você tava dormindo, ele ficou de voltar agora de manhã. Pra lhe dar conta das coisas que aconteceram aqui na sua ausência.

ROQUE

Já sei: fui dado como desertor. Mas fui anistiado, não fui? Me disseram, na Itália, que havia saído um decreto de anistia.

PORCINA

Sei não. Disso eu não sei. O que Chico Malta acha é que é preciso preparar o espírito do povo para a volta de Cabo Roque.

ROQUE

Cabo Roque? Por que você me chama de Cabo Roque?

PORCINA

Você não foi cabo?

ROQUE

Fui, mas você me conheceu antes disso.

PORCINA

Pois é assim que você é conhecido aqui. Você já esteve na praça aí na frente?

ROQUE

Já.

PORCINA

Viu lá um monumento?

ROQUE

Vi. Um soldado ferido.

PORCINA

O soldado é Cabo Roque.

ROQUE

Tou começando a entender... Pensam que eu...

PORCINA

Você deu a vida pela Pátria, homem. *(Como quem repete um discurso.)*

Atirou-se de peito aberto às balas nazistas e tombou como herói.

Num ponto qualquer do ciclorama projeta-se a cena do filme em que Roque é metralhado.

PORCINA

Foi o primeiro soldado brasileiro a morrer em defesa da liberdade e da democracia.

ROQUE

Estou achando que há um mal-entendido em tudo isso.

PORCINA

É o que eu também acho.

ROQUE

Pensam que eu morri... E que morri desse modo.

PORCINA

Uma beleza... Você precisava ver a fita.

ROQUE

Que fita?

PORCINA

Então, menino. Fizeram uma fita de sua vida. Passou aqui e eu fui homenageada. Chico Malta fez um discurso tão bonito que todo mundo chorou. O artista que fez o seu papel veio na estreia.

Uma bichona!

ROQUE

(Atônito.) É espantoso... Não sei como é que puderam inventar toda essa história. *(Subitamente, começa a rir.)*

Herói... virei herói... Imagine a cara dessa gente quando me vir... Vão pensar que é assombração.

PORCINA

Pensando bem, vai ser engraçado... *(Ri.)*

Mudaram o nome da praça, levantaram estátua, escreveram livros, história em quadrinhos, fizeram fita de cinema... e você tá vivo.

ROQUE

(Salta para cima de uma cadeira.) Senhoras e senhores, aqui está o batuta! Não morreu, como julgam, porque não há nada de heroico na morte, está vivo, vivo graças à sua inteligência e a uma qualidade essencial no ser humano: o cagaço. Teve medo.

Mas não um medinho bocó, como qualquer babaquara é capaz de ter. Teve um medo enorme, um medo danado, um medo paid'égua, como só um herói é capaz de sentir. Nisso está o seu mérito, a sua

valentia, porque é preciso muita coragem para sentir um medo tão grande. Ah, se todos os homens fossem capazes de um medão assim, não haveria no mundo lugar para os covardes e a guerra seria enxotada da face da Terra.

PORCINA

Muito bem!

ROQUE

Ele merece uma estátua, sim!

Dezenas, centenas de estátuas, pois no mundo de hoje somente os engraçados podem salvar a humanidade.

PORCINA

(Aplaud e solta enormes gargalhadas.) Muito bem!

Chico Malta entra e fica perplexo com o que vê: Porcina e Roque às gargalhadas.

ROQUE

Seu Chico Malta! *(Desce da cadeira.)* Sou eu mesmo. Morri não.

Tou vivo-da-silva!

MALTA

E pelas gaitadas parece que vocês acham isso muito engraçado.

ROQUE

(Um tanto chocado.) Talvez não seja engraçado, mas pensei que o senhor se alegrasse, ao menos.

MALTA

(Para Porcina:) Você contou tudo a ele?

PORCINA

Só metade.

ROQUE

Já sei que fizeram de mim um herói, com estátua e tudo. *(Ri.)*

MALTA

Não acho que seja para rir.

ROQUE

Então não é engraçado? Eu nunca tive vocação pra valente... Na guerra, não sabe, no primeiro pega-para-capar, tive tanto medo que numa hora lá abandonei a trincheira e saí correndo feito louco.

MALTA

(Estarrecido.) Foi assim então...

PORCINA

Nada do que disseram... Ele se borrou todo.

ROQUE

Vocês não sabem o que é um bombardeio. Eu tive um aluamento passageiro, mas sei de muitos que endoidaram de vez.

MALTA

Que é que você chama de “aluamento passageiro?”

ROQUE

Fiquei zoró de repente e... não sei o que aconteceu. Quando voltei a mim, estava deitado de barriga pra baixo, num campo deserto. Tinha uma bala encravada no ombro e uma sede de matar. Saí me arrastando, mas só no dia seguinte pude alcançar uma vila italiana perdida nas montanhas. Foi aí que me acoitei até o fim da guerra.

PORCINA

Foi preso não?

ROQUE

No caminho, não sabe, encontrei um camponês morto e troquei com ele a minha farda. Quando me perguntavam, depois, dizia que era português. *(Ri.)*

MALTA

Não procurou voltar ao seu batalhão?

ROQUE

E era fácil? Eu não fazia nem ideia do caminho. E depois, se eu tinha fugido do inferno, por que ia voltar a ele?

MALTA

Você era um soldado.

ROQUE

E eu nasci soldado?

MALTA

Ninguém nasceu. Mas muitos souberam morrer como soldados.

ROQUE

Não vai querer me passar sermão agora, vai? Sei que, na sua opinião, o que eu fiz foi indigno. Talvez tenha feito coisas ainda piores pra não morrer. E o que fizeram comigo, em nome da democracia, da liberdade, da civilização cristã e de tantas outras palavras, palavras, nada mais que palavras? Ora, não me venham com acusações porque, eu, sim, se quisesse, tinha muito que acusar.

PORCINA

Por que não voltou ao Brasil logo que terminou a guerra?

ROQUE

Eu era um desertor. Tive medo de ser preso.

MALTA

Medo, medo, medo. Medo de morrer, medo de ser preso.

ROQUE

Todo homem tem medo.

MALTA

Vai ser muito difícil fazer o povo daqui acreditar que o Cabo Roque teve medo algum dia.

E não passa de um cagão.

ROQUE

Esse Cabo Roque que vocês inventaram é ridículo.

MALTA

O que não é ridículo é fugir, desertar?

ROQUE

Pelo menos tem uma razão, um cabimento. Enquanto eu fugia, sabia por que estava fugindo. Ao passo que antes... nunca consegui entender por que estava ali arriscando a vida.

PORCINA

Nisso ele tem razão, coitado.
Ouve-se um sininho de portão.

MALTA

Tem gente aí! Se esconda!

ROQUE

Por quê? Não voltei pra ficar escondido.

MALTA

Ninguém deve ver você, por enquanto.

PORCINA

Anda, vai lá pra dentro.

ROQUE

Coisa besta... Por que eu tenho que me esconder?
(Sai.)

MALTA

Vai ver quem é...
Padre Hipólito entra.

PORCINA

Não é preciso. Bom dia, padre.

PADRE

Bom dia.

MALTA

Bom dia, seu Vigário. Parece vexado...

PADRE

É bom que o senhor esteja presente, assim mato dois coelhos de uma paulada só. O primeiro é o que anda correndo aí pela cidade sobre a abertura de uma nova casa de tolerância.

MALTA

Não é uma casa de tolerância, é uma boate. Boate Sexus.

PADRE

É a mesma coisa.

PORCINA

É o progresso.

MALTA

A cidade cresce.

PORCINA

Tudo cresce.

PADRE

Será possível que a viúva também esteja de acordo?

PORCINA

Tou não. Duas casas de tolerância, acho tolerância demais.

PADRE

Tolerância demais das autoridades que vão permitir essa imoralidade.

MALTA

Ninguém vai permitir, dou minha palavra. Já falei com o Prefeito, a pretensão das raparigas não vai ser atendida, já que o Vigário se opõe.

PADRE

Muito obrigado. Não esperava outra coisa do senhor.

MALTA

Se bem que o Prefeito tenha lá os seus poréns. Precisamos incentivar o turismo. E turista nenhum vem a uma cidade sem divertimentos. Tou certo ou tou errado?

PADRE

Podemos arranjar divertimento mais sadios para os turistas.

MALTA

Seja lá como for, o caso tá resolvido. A abertura da boate fica, pelo menos, adiada. Só peço ao Vigário que não fique fazendo sermão todos os dias contra as raparigas. Que diabo, elas estão cumprindo religiosamente o combinado.

PORCINA

Ontem mesmo, Matilde, a casteleira, esteve aqui e deixou a quota do mês.

(Entrega o dinheiro ao Vigário.)

PADRE

(Enfiando rapidamente no bolso da batina.)

Não tenho o direito de recusar donativos para a igreja, venham de onde vierem, principalmente quando eles me vêm de suas honradas mãos. Mas isso não quer dizer que concorde com esse comércio em minha paróquia, nem que isso me obrigue a calar a boca. Vou continuar fazendo sermões contra essas mulheres, e se o Prefeito der permissão para dona Matilde abrir a tal boate - que Deus me perdoe - reúno todas as beatas da cidade e vou arrebentar com ela na porrada.

PORCINA

Oxente, Padre!

PADRE

Chega de safadeza!

MALTA

Não há razão pro senhor se exaltar. Já disse que o caso tá encerrado.

PADRE

Vamos ao segundo assunto. Esse é com a viúva e diz respeito ao seu falecido esposo. Não se assuste, mas me aconteceu hoje uma coisa que me deixou meio abilolado. Certeza, certeza eu não tenho... mas, de qualquer maneira, embora pareça absurdo...

PORCINA

Já sei: o senhor viu Cabo Roque na praça.

PADRE

Como a senhora sabe?

MALTA

Você deixou ele sair?!

PORCINA

Que é que você quer que eu faça? Não posso amarrar o homem na minha saia.

PADRE

(Perplexo.)

Meu Deus... então era ele mesmo? Ele está vivo?

PORCINA

Desde quando os mortos andam tomando fresco na praça?

PADRE

Eu, à primeira vista, não o reconheci. Também, como é que eu podia imaginar? Só quando já ia longe caí em mim e disse comigo mesmo: "Virgem Santíssima, aquele rapaz era Cabo Roque escarrado e cuspidor." Voltei à praça e não vi mais ninguém. Pensei até que fosse uma assombração...

MALTA

O senhor não falou sobre isso com mais ninguém?

PADRE

Só com o Prefeito.

PORCINA

Logo ele, que fala pelos cotovelos.

PADRE

Comentei também com seu Zé das Medalhas.

MALTA

Esse, com certeza, já botou a boca no mundo.

PADRE

O Prefeito ficou muito vexado e disse que ia procurar o senhor.

MALTA

Tomara que me ache antes de falar com alguém.

PADRE

Mas por quê?

MALTA

O senhor ainda pergunta por quê? Imaginou ainda não o que vai acontecer?

PADRE

Ah, sim, com a volta dele. Vai ser um deus-nos-acuda, ninguém vai acreditar. Mas quando se convencerem, vai ser uma festa.

MALTA

Tenho cá as minhas dúvidas.

PORCINA

Quem sabe podíamos até emendar as festas da primeira comunhão com as da... da ressurreição de Cabo Roque!

PADRE

Na verdade, é quase uma ressurreição, quase um milagre. Depois de tanto tempo... É coisa mesmo pra se comemorar com missa em ação de graças, quermesse e tudo.

MALTA

(Irônico, irritado.) Não querem também dar um *show*?

PORCINA

Boa ideia, um *show*.

PADRE

No cinema, em benefício da paróquia.

PORCINA

Ou na praça, junto da estátua.

PADRE

Talvez o próprio Cabo Roque possa participar. Me lembro que, quando menino, cantava no coro da igreja. E tinha boa voz.

PORCINA

Ele me disse que viveu na Itália, deve saber canções napolitanas.
Entram Florindo Abelha e Zé das Medalhas.
Ambos espantados.

PADRE

Vai ser um dois de julho, seu Chico Malta. *(Ao ver o Prefeito e Zé das Medalhas.)*

Eu não disse? Cabo Roque está vivo!

FLORINDO

Vivo??

ZÉ DAS MEDALHAS

Verdade mesmo?

PORCINA

E vamos fazer um forrobodó pra comemorar.

MALTA

E depois?

PORCINA

Depois o quê?

MALTA

E depois, seu Florindo Abelha? E depois, seu Zé das Medalhas?

FLORINDO

Eu... sei de nada não, tou chegando agora...

ZÉ DAS MEDALHAS

Eu também acabei de saber.

MALTA

Atentem nisso: há quinze anos que a cidade vive de uma lenda. Uma lenda que cresceu e ficou maior que ela. Hoje, a lenda e a cidade são a mesma coisa.

PORCINA

Que tem isso? Você acha que...

MALTA

Na hora em que o povo descobrir que Cabo Roque tá vivo, a lenda tá morta. E com a lenda, a cidade também vai morrer. Tou certo ou tou errado?

Todos se entreolham, começando a perceber a gravidade da situação.

PADRE

É possível que haja um certo espanto... até mesmo uma desilusão. Mas que serão compensados pela alegria de se saber que ele está vivo.

MALTA

Alegria? O Vigário acha mesmo que alguém vai se alegrar com isso?

PADRE

Oxente, eu sei que ele não tem parentes, mas deve ter deixado aqui alguns amigos, foi quase noivo da filha de seu Florindo...

(Para Porcina:)

Desculpe... Dona Porcina então deve estar radiante. Deixou de ser viúva.

Porcina tem um sorriso desbotado.

MALTA

A verdade, Padre, é que ninguém pode se alegrar com a volta de um homem que vai fazer todo mundo passar por um vexame.

PADRE

Vexame?

MALTA

O vexame de ter cultuado durante quinze anos o nome de um desertor. Com perdão da palavra, de um cagão.

PORCINA

Mas que culpa tem ele, coitado? Não foi ele que inventou essa história...

MALTA

Não se trata agora de saber quem é ou não culpado. O que importa é que ele vem destruir tudo, tudo que se fez nesses quinze anos.

FLORINDO

É o que também acho.

PADRE

Sim, muita coisa tem que ser mudada.

MALTA

Começando pelo nome da praça.

PORCINA

E por que não pode continuar sendo Cabo Roque? Só porque ele não é mais herói? Nem toda praça tem nome de herói.

MALTA

Porque quando a verdade for contada, o mundo inteiro vai mangar de nós. A lenda vai virar anedota. E toda vez que se falar em Cabo Roque, vai haver uma gargalhada.

ZÉ DAS MEDALHAS

Vamos ser gozados por todo mundo.

FLORINDO

E vamos ter que tirar da praça o monumento.

MALTA

Claro, vai virar piada.

FLORINDO

E o que vamos fazer com ele?

PORCINA

Se não fosse o fuzil, talvez se pudesse aproveitar na igreja como imagem de São Jorge.

PADRE

Que blasfêmia.

PORCINA

São Jorge também foi guerreiro, oxente.

PADRE

Mas que eu saiba nunca sentou praça no exército.

FLORINDO

Porque é uma pena jogar no lixo uma estátua tão bonita, que, além do mais, foi feita com o dinheiro do povo, em coleta pública.

MALTA

Isso é o que é pior.

FLORINDO

Em que situação vamos ficar, nós que lançamos a campanha.

PORCINA

Aliás, dizem que essa campanha pelo monumento ajudou muito a eleição do Prefeito...

FLORINDO

Calúnia. Ainda tive que botar dinheiro do meu bolso. Taí o deputado que não me deixa mentir.

MALTA

Deixo mesmo não. Se dinheiro saiu do seu bolso, voltou em dobro.

FLORINDO

Juro pela Virgem Santíssima.

MALTA

Não meta a Virgem nessa história, seu Abelha, senão vão acabar duvidando da virgindade dela. Desculpe, seu Vigário...

PADRE

A verdade é que, em nome de Cabo Roque, muita pouca vergonha tem sido praticada.

ZÉ DAS MEDALHAS

E eu, o que vou fazer com as minhas medalhas?

MALTA

Não tivesse na presença de uma dama virtuosa, eu lhe dava uma boa resposta.

ZÉ DAS MEDALHAS

Logo agora que eu comprei uma fresadora pantográfica! Tou endividado até a raiz dos cabelos!

MALTA

Acho que vocês entenderam: temos que tomar uma decisão.

FLORINDO

Sobre o quê?

MALTA

Sobre ele. Vocês acham que ele pode voltar?

PORCINA

Já voltou, oxente.

MALTA

Só nós sabemos disso. Só nós sabemos que ele tá vivo.

FLORINDO

Isso é verdade.

MALTA

E se deixamos que ele volte, que todo mundo saiba de sua galinagem, seremos também responsáveis pelo que possa acontecer.

FLORINDO

Uma responsabilidade muito grande.

MALTA

Do tamanho da bomba que vai explodir sobre a cidade.

ZÉ DAS MEDALHAS

O povo pode se enraivecer. E é capaz de haver um pega-para-capar.

MALTA

Duvido não.

PORCINA

Mas por quê...? Ele não tem culpa de nada.

FLORINDO

Como não? A senhora me desculpe, mas basta estar aqui, vivo, quando todos pensam que morreu pela pátria.

FLORINDO

O senhor também está aqui, vivo, sem morrer pela pátria. Também o Vigário, também Sinhozinho Malta, também seu Zé das Medalhas.

FLORINDO

Mas nenhum de nós é herói.

ZÉ DAS MEDALHAS

Nenhum ganhou estátua.

MALTA

Nenhum fez a cidade festejar, com foguete e banda de música, seu nascimento, sua morte, até sua primeira comunhão. Nenhum acendeu no peito de cada cidadão um falso orgulho, que agora vai ser substituído pelo ridículo e pela vergonha.

PORCINA

Também, não fosse isso e ninguém tinha tomado conhecimento desse cafundó-do-judas.

PADRE

Isso é verdade. Seja lá como for, foi graças a ele que a cidade cresceu, ficou famosa, adiantou-se. Se bem que o pecado, a sem-vergonhice tenham se adiantado muito também.

PORCINA

Sem ele, não se tinha a estrada Salvador - Asa Branca.

FLORINDO

Os três grandes hotéis que temos hoje.

PADRE

Com seus três cassinos clandestinos.

PORCINA

Sem ele, seu Zé das Medalhas não tinha ficado podre de rico com a fábrica que montou.

ZÉ DAS MEDALHAS

Dando empregos pra centenas de operários.

MALTA

Muito bem. E agora ele volta. A estrada, que ainda está no meio...

FLORINDO

Vai ficar no meio.

MALTA

Os cassinos...

FLORINDO

Vai ficar às moscas.

MALTA

E os hotéis...

FLORINDO

Vão ter que fechar.

MALTA

E a fábrica das medalhas.

ZÉ DAS MEDALHAS

Vai à falência.

FLORINDO

E o turismo, pensem no turismo. Já estava dando uma boa renda ao Município.

MALTA

Vai por água abaixo.

PORCINA

Resta a fábrica de azeite de dendê “Cabo Roque”.

MALTA

Talvez sirva pra azeitar a nossa vergonha.

ZÉ DAS MEDALHAS

Quem sabe se ele fosse pra outra cidade? Salvador, Rio de Janeiro...

MALTA

Muito perigoso. Mais cedo ou mais tarde era descoberto. Dava no mesmo.

PORCINA

E se ele voltasse pra Itália?

MALTA

Era mais seguro.

PADRE

E se ele não estiver de acordo?

MALTA

Vai ter de estar.

FLORINDO

Explicamos a situação, apelamos para o seu patriotismo.

ZÉ DAS MEDALHAS

E, em último caso, oferecemos algumas vantagens...

PADRE

Dinheiro?

ZÉ DAS MEDALHAS

Se ele voltar, vamos perder muito mais.

PORCINA

Posso ir dizer a ele que vocês querem conversar?

MALTA

Pode.

Porcina sai.

FLORINDO

Só que, se ele voltar pra Itália, ela vai ter que ir também.

MALTA

Por quê?

FLORINDO

Porque é mulher dele, oxente. A não ser que...

MALTA

Que o quê, seu Abelha?

FLORINDO

Que ela não queira...

MALTA

(Um pouco irritado.) Esse é um assunto a estudar.
Entram Porcina e Roque.

ROQUE

Padre Hipólito... Zezinho... seu Florindo Abelha... *(Abraça um por um, efusivamente.)*
Como vai Mocinha?

FLORINDO

Bem... vai ficar contente com a sua volta.

ROQUE

Deve estar zangada comigo, eu nunca escrevi. Mas quando eu explicar a situação ela vai entender.

ROQUE

(Abraçando Zé das Medalhas:) Zezinho... Jogamos futebol juntos, lembra?

ZÉ DAS MEDALHAS

Lembro...

ROQUE

Você jogava no gol... tremendo frangeiro... *(Pausa.)*

Bem, aqui estou eu.

Há uma pausa. Todos se entreolham, cada um esperando que o outro tome a iniciativa de falar.

MALTA

(Pigarreia.) Era melhor que o Vigário falasse.

PADRE

Não..., acho que o Prefeito, como autoridade máxima...

FLORINDO

(Tirando o corpo.) Sinhozinho Malta é deputado...

MALTA

Mas não estamos na câmara...

PORCINA

Bem, se ninguém tem coragem de falar, falo eu. Eles querem que você volte pra Itália.

ROQUE

Como é? Pois se eu mal cheguei...

PADRE

Acham que você vem atrapalhar a vida de muita gente.

MALTA

Não só de muita gente, de uma cidade inteira.

FLORINDO

la ser uma calamidade.

ZÉ DAS MEDALHAS

Assim como um terremoto.

PADRE

Ou um castigo.

ROQUE

Entendo não. Só porque vão ver que eu não sou o super-homem de estória em quadrinhos que vocês inventaram?

MALTA

Ninguém inventou.

FLORINDO

Não é que a gente tenha, pessoalmente, qualquer coisa contra você.

ZÉ DAS MEDALHAS

Muito pelo contrário, ficamos até muito contentes com a sua volta, em saber que está vivo, com saúde...

FLORINDO

Mas a cidade, pense na cidade. Esse povo, pense nele...

ROQUE

Em mim, ninguém pensa?

MALTA

Você nada tem a perder. Pagamos sua passagem de volta e talvez até consiga algum dinheiro pra você recomeçar a vida lá na Itália.

ROQUE

E todos continuavam aqui cultuando a memória do herói.

FLORINDO

Como se nada tivesse acontecido.

ROQUE

E vivendo à sombra de uma mentira.

MALTA

Ninguém tem culpa se é mentira.

ROQUE

Eu muito menos. E não estou disposto a me sacrificar pra não perturbar o sono de vocês. Já disse que nunca tive vocação pra mártir.

MALTA

Quer dizer que não concorda.

ROQUE

Não! Vim pra ficar e vou ficar. E estou decidido a passar aqui o resto de minha vida. Foi uma decisão que tomei, depois de conhecer um bom pedaço de mundo.

FLORINDO

Explique, deputado, explique que isso vai ser a ruína de todos nós.

ROQUE

Ao contrário, acho que vocês vão lucrar muito com a minha volta. Não sou mais aquele babaquara que saiu daqui. Esse mundão de

Deus me ensinou muita coisa. Tenho a cabeça cheia de ideias, posso fazer muito pela cidade.

FLORINDO

(Em desespero.) Ele não entendeu... Seu Vigário, explique...

(Para Porcina:) Quem sabe se ele acredita mais na senhora?

MALTA

(Com autoridade.) Pare com isso, seu Abelha.

ZÉ DAS MEDALHAS

Mas é preciso que alguém faça ele entender.

MALTA

Ouça, rapaz: ninguém tem nada a lucrar com a sua volta. Todos só têm a perder. Os que perderem menos, vão perder o amor a esta terra e a vontade de viver aqui.

ROQUE

Você acha que isso vai acontecer, Porcina? Você vai fugir daqui, se eu vier pra cá?

PORCINA

(Constrangida.) Eu... bem...

ZÉ DAS MEDALHAS

Mas ela não serve de exemplo...

ROQUE

Não acredito nisso. Não posso acreditar que um homem seja mais útil morto do que vivo. Do contrário ia ter de acreditar também que todos aqueles infelizes que morreram na guerra foram muito úteis. E que a guerra é uma necessidade porque fabrica heróis em série.

FLORINDO

Mas ninguém tá dizendo isso. Aqui se trata de um caso particular, uma situação criada.

MALTA

Seu menino, assunte o que vou dizer e entenda de uma vez: sua volta é uma ameaça para a cidade. E a cidade tem o direito de se defender.

ROQUE

Que quer dizer?

MALTA

Que nenhum de nós se responsabiliza pelo que possa acontecer, se você teimar em não arredar pé daqui.

ROQUE

Mas o que é que pode acontecer?

MALTA

Quem é que sabe? Conselho de amigo: pense até amanhã.
Conselho de amigo. Porcina, leve ele lá pra dentro um instante, eu preciso conversar em particular com o Prefeito, o Vigário e seu Zé das Medalhas.

PORCINA

(Pega Roque pelo braço.) Vem... (Sai com ele.)

PADRE

Dr. Chico Malta diz que ninguém tem nada a lucrar com a volta dele... Sei não, acho que Deus lucraria muito.

MALTA

Deus?

PADRE

(Parece subitamente iluminado.) É verdade que isso ia cair sobre essa gente como uma praga. Mas há momentos em que nada é tão útil como uma praga para varrer a terra de todo o pecado. Deus ajuda e perdoa, mas também castiga. Quem sabe se não foi Ele quem mandou esse rapaz pra isso? Como um castigo?
(Sai.)

FLORINDO

Vocês confiam nesse padre?

MALTA

Nem um pouco. Tudo que for decidido, tem que ficar entre nós.

ZÉ DAS MEDALHAS

(Desesperado.) Se o povo souber a verdade, eu tou arruinado.

FLORINDO

Você só, não, todos nós.

MALTA

Calma, calma. Tenho ainda um recurso. Não queria, mas vou ter que usar. Embarco amanhã para o Rio. Ele não sabe que está perdido.

Muda a luz.

NONO QUADRO

Praça.

Florindo Abelha entra, com uma enorme barriga postiça para diante da estátua.

FLORINDO

E agora... que é que vou fazer com essa merda?

(Canta:)

À sombra dessa estátua
uma cidade cresceu
cresceu, cresceu, cresceu,
à sombra dela cresceu.

Entram Malta, Zé das Medalhas, Padre Hipólito, todos com enormes barrigas. Cantam e dançam.

Barriga também cresceu
de muita gente cresceu.

MALTA

Tenho a consciência tranquila
tudo que dizem é intriga
quem é que após os cinquenta
e que regime não siga,
pode evitar de criar
uma respeitável barriga?

ZÉ DAS MEDALHAS

Se alguma coisa comemos
viver não há quem consiga
sem qualquer coisa ingerir
verdade é bom que se diga
nem um tostão desse povo
entrou em nossa barriga.

PADRE

Não há quem a Deus sirva
e que a Satanás persiga
que trace um caminho reto
e sem desviar-se o siga
se Deus lhe enche a alma
e o Cão lhe enche a barriga.

PORCINA

(Entra também com uma enorme barriga e canta:)

Desgraça pior é a minha
em toda essa cantiga
não vou lançar na cegonha
a culpa dessa barriga.
Pra não implicar ninguém
melhor dizer que é lombriga.

TODOS

À sombra dessa estátua
uma cidade cresceu,
cresceu, cresceu, cresceu,
Barriga dela cresceu,
de muita gente cresceu.
E agora que fazer
que a estátua virou,
virou, virou, virou,
de novo gente virou...

A estátua boceja, se espreguiça. É o próprio Cabo Roque.

TODOS

(Apavorados.)

Nossa cidade morreu!

(Saem todos correndo.)

ROQUE

(Dando uma banana.)

Antes ela do que eu!

Fim do Primeiro Ato

SEGUNDO ATO

DÉCIMO QUADRO

A praça está toda enfeitada com faixas que dizem:

BEM-VINDO CABO ROQUE

VIVA CABO ROQUE

A CIDADE RECEBE COM ORGULHO SEU HEROICO FILHO.

A Estátua está coberta de flores.

Florindo Abelha atravessa a praça observando as faixas, inspecionando tudo, enquanto Toninho Jiló aborda Dona Pombinha.

TONINHO JILÓ

Oxente, dona Pombinha, ele não tinha morrido?

POMBINHA

Morreu não, Jiló. Ficou todo picotado de bala, mas não morreu.

JILÓ

Cabra porreta. Devia ter o corpo fechado.

POMBINHA

Ou então foi o Senhor do Bonfim que tirou o efeito das balas.

JILÓ

Milagre?

POMBINHA

Milagre mesmo. Não foi o Senhor do Bonfim que mandou ele avançar contra os alemães?

JILÓ

Mas por que só agora descobriram que ele tá vivo?

POMBINHA

Parece que ficou deslembrado. Andou vagando pela Europa, sem saber quem era.

JILÓ

E o Senhor do Bonfim, que é santo da terra, por que é que não ensinou a ele o caminho de casa?

POMBINHA

Isso eu não sei.

MOCINHA

(Entrando, muito excitada, mas não muito satisfeita.)

Pai, quando ele chega?

FLORINDO

Deve chegar no trem de amanhã. Não tenho ainda certeza. Mas é preciso ir preparando tudo, enfeitando a cidade, quero uma recepção de arromba.

MOCINHA

Falei com Zé Fogueteiro. Botou a mulher e os nove filhos pra trabalhar sem descanso.

FLORINDO

Quero um foguetório como nunca se viu. Nem em noite de São João.

Ouve-se uma bandinha executando um dobrado.

POMBINHA

Mestre Fafá já tá ensaiando a Lira.

Só que ele teima em tocar aquele dobrado da autoria dele mesmo.

FLORINDO

Que toque, com tanto foguete, ninguém vai ouvir nada.

Mocinha, o meu improvisado, você escreveu?

MOCINHA

Vou escrever agora. Tou indo pra Prefeitura.

FLORINDO

Depressa, que eu preciso decorar.

MOCINHA

Que é que o senhor quer que eu diga?

FLORINDO

Fale no orgulho da cidade, na glória da cidade, essa coisa toda.

Não se esqueça de mencionar a campanha do monumento e de dizer que isso se deve a mim. Fale também no Deputado Chico Malta, na viúva, na estrada.

POMBINHA

E não vai falar em Deus?

FLORINDO

É, veja se dá pra encaixar o nome de Deus aí em qualquer lugar.

MOCINHA

Encaixo tudo, menos o nome da viúva. Esse, se o senhor quiser, que encaixe.

FLORINDO

Vamos deixar de nove-horas. Ela é casada com ele, se lembre disso. Você não tem direito nenhum.

MOCINHA

E eu estou dizendo que tenho? Ele vivo ou morto, pra mim tanto faz como tanto fez.

O senhor bem sabe que renunciei a tudo que estou casada com Deus Nosso Senhor.

FLORINDO

Pois então... seja fiel a seu marido.
Quer dizer, a Deus.

MOCINHA

Botar o nome dela no discurso eu não boto. *(Inicia a saída, pára.)*
E não pense que me engana com essa história de que ele só chega amanhã. Eu sei que já chegou e está na casa dela.
(Sai.)

FLORINDO

Quem lhe disse? *(Padre Hipólito entra.)*
Foi o senhor?
O Padre não responde, vira o rosto e olha as faixas.

POMBINHA

(Que escutou.) Como é que é isso?

FLORINDO

Mocinha, espere aí... *(Sai atrás de Mocinha.)*

PADRE

Quem teve essa ideia?

FLORINDO

A viúva mesmo. Uma ideia besta, que resolve tudo. Não sei como ninguém pensou nisso antes.

PADRE

Chico Malta já sabe?

FLORINDO

Não, ele está no Rio de Janeiro, chega hoje. Estamos esperando por ele pra fazer a chegada triunfal de Cabo Roque. Prepare os sinos. Vai ser uma aleluia.

PADRE

Estou vendo.

FLORINDO

Me admira que o senhor não esteja animado.

PADRE

Vamos ter então que esconder a verdade.

FLORINDO

Só eu, o deputado Chico Malta, a viúva Porcina e seu Zé das Medalhas. Fazemos um juramento.

PADRE

Eu não faço juramento nenhum.

FLORINDO

Está bem, o senhor não precisa jurar. Como padre, tem obrigação de guardar o segredo de uma confissão.

PADRE

Não foi em confissão que vim a saber.

FLORINDO

Faz de conta. Isso é um detalhe.

PADRE

Um detalhe muito importante, seu Florindo Abelha. Muito importante.

(Sai.)

PORCINA

(Entrando.) Ah, tou cansada de esperar lá na Estação.

FLORINDO

O deputado não veio?

PORCINA

O diabo do trem, como sempre, tá atrasado.

FLORINDO

A falta que faz uma estrada de rodagem.

PORCINA

Também, agora ela sai. Se em nome de um defunto Sinhozinho conseguiu tanta coisa, o que não vai conseguir com o defunto vivo?

Entram Chico Malta e o General.

Este veste uma capa, óculos escuros tipo ray ban, mas está à paisana.

Ambos se mostram surpresos com a decoração da praça.

MALTA

Não tou entendendo... Não tou entendendo nada. *(Vê Porcina e Florindo.)* O senhor podia me esperar aqui um minutinho... eu vou saber que doideira é essa.

FLORINDO

Olha o deputado...

PORCINA

Oxente, eu saí da estação agorinha mesmo...

MALTA

Que maluquice é essa?

PORCINA

Maluquice nada, homem, tá tudo resolvido.

FLORINDO

Encontramos a solução.

PORCINA

(Orgulhosa.) Agradeça a mim.

FLORINDO

A viúva teve a ideia: ele volta, mas volta como herói mesmo.

MALTA

E esse tempo todo, como vamos explicar?

FLORINDO

Muito fácil: hospital, campo de concentração, perda de memória.

FLORINDO

Assim, não muda nada.

MALTA

E ele tá de acordo?

PORCINA

Roque? Qual é a dele? Vai ser recebido com foguete, banda de música, vai viver adorado pelo povo, com certeza vai ganhar medalha e pensão do Estado. Só tem de contar umas mentirinhas de vez em quando e engolir discurso. Mas que diabo, eu faço isso há quinze anos e não me queixo.

MALTA

É, é uma boa ideia. Por que não pensamos nisso antes? Eu não tinha ido ao Rio de Janeiro. Agora vamos ter que falar com ele.

FLORINDO

Ele, quem?

MALTA

Sabe quem é aquele? Um general.

FLORINDO e PORCINA

Um general?!

O General vai até eles.

MALTA

O General me desculpe toda essa maçada. Fazer o senhor vir até aqui... Mas eu achei que era meu dever comunicar...

(Apresenta.) Dona Porcina, esposa do Cabo Roque... Seu Florindo Abelha, Prefeito da cidade.

FLORINDO

Muito prazer.

O General beija a mão de Porcina.

PORCINA

(Deslumbrada.) Um General beijando a minha mão... nunca pensei...

MALTA

Afinal de contas ele é um herói militar. E o Exército é o Exército.

FLORINDO

A farda é sagrada.

MALTA

Pra nós, a situação é muito desagradável. Mas quem ia ficar em posição ainda mais incômoda eram os senhores. Existe um batalhão com o nome dele.

FLORINDO

Um batalhão.

MALTA

E agora estou vendo que nem havia necessidade do senhor vir aqui. Encontrou-se uma solução. Uma bela solução. Ele volta, mas nada se fala de sua deserção.

PORCINA

E continua tudo como antes: a honra do Exército, o prestígio do deputado, o progresso e a glória da cidade.

GENERAL

E nós todos nas mãos de um vigarista. *(Há uma surpresa geral ante a reação violenta do General.)*

A senhora acha, então, que o Exército pode ser cúmplice de uma impostura?

PORCINA

Mas não há outro jeito.

FLORINDO

Já quebramos a cabeça.

GENERAL

E escolheram a solução mais cômoda.

FLORINDO

Foi a única que encontramos.

GENERAL

Pois tratem de encontrar outra, essa não serve. É incompatível com a dignidade militar.

MALTA

Sim, claro... Pensando bem, é até uma ofensa propor semelhante solução. O General me desculpe. *(Com intenção, encarando Porcina.)*

É que há pessoas ansiosas pela volta do Cabo... Quanto a mim, sou um homem público. Só vejo o interesse do meu povo e da minha Pátria. Esse rapaz é um desertor. Acho que o senhor devia levá-lo preso para o Rio.

GENERAL

Talvez.

MALTA

Ou então embarcá-lo de volta para a Itália.

GENERAL

Tenho que estudar o caso.

FLORINDO

A gente não pode se conformar é com o ridículo...

MALTA

A vergonha.

GENERAL

Não, isso não. Voltar, de modo algum ele pode voltar.

PORCINA

Mas agora todo mundo já sabe que ele tá vivo. Já se disse que ele vai chegar.

MALTA

Digam que foi rebate falso... Não era Cabo Roque. Um maluco qualquer que se dizia Cabo Roque. Vocês que inventaram essa história, que desinventem. *(Aponta as faixas.)*

E mande arrancar essas faixas, toda essa palhaçada, seu Prefeito. Isso é ridículo.

(Para o General:) O General quer interrogar o rapaz?

GENERAL

Depois, primeiro um banho. Estou louco por um banho. Me arranje um hotel.

MALTA

Nada disso. O senhor vai pra minha casa, já avisei minha mulher, ela tá esperando. Faça questão.

FLORINDO

A minha casa também está à sua disposição. É casa de pobre, mas...

MALTA

Tenho um quarto já preparado. Com banheiro.

GENERAL

Um ponto importante: ninguém deve saber de minha presença na cidade. Estou em missão secreta. *Top secret.*

MALTA

Top secret. (Sai com o General.)

PORCINA

Que pressa que ele tá de dar banho no General... Nem se despediu de mim.

FLORINDO

(Perplexo.) Top secret!

PORCINA

(Canta:)

Top secret ordena o General
top secret nossas trapaças
nossas torpezas
nossas pequenas safadezas
etcétera e tal
top secret geral.

FLORINDO

Top secret.

OS DOIS

Ampla devassa
até que se desfaça
essa ameaça
ao orgulho da raça
à dignidade nacional
general

etcétera e tal.

DÉCIMO PRIMEIRO QUADRO

Casa de Porcina.

Roque está sentado no chão, em posição de ioga.

Mocinha entra, por trás, e pára, às suas costas, presa de grande emoção. Não tem coragem de lhe dirigir a palavra.

ROQUE

(Depois de um tempo, pressentindo que há alguém na sala.) Quem táí? Porcina?

MOCINHA

Meu Deus!

ROQUE

(Levanta-se e volta-se.) Desculpe, eu estava...

(Reconhecendo-a.) Mocinha!

MOCINHA

(Reagindo.) Não! Não me toque!

ROQUE

(Chocado.) Mocinha...

MOCINHA

Fique onde está. Quero só olhar pra você.

ROQUE

(Incomodado.) Que é?... Mudei muito? Quinze anos...

MOCINHA

Quinze anos... E não morreu. E até engordou.

ROQUE

Preferia que eu tivesse morrido?

MOCINHA

Mil vezes. Que Deus me perdoe.

ROQUE

Então era assim que você gostava de mim? Que jurou uma vez não olhar pra outro homem até que eu voltasse?

MOCINHA

Avalie você que papelão, se eu cumpro o juramento.
(*Envergonhada.*) E a verdade é que cumpri.

ROQUE

Não se casou?

MOCINHA

Fui, durante quinze anos, “namorada de Cabo Roque, o primeiro amor de Cabo Roque”. No princípio, pensei até em entrar pra um convento.

ROQUE

Mas eu não tenho culpa.

MOCINHA

E de quem é a culpa? Minha? Mereço isso? Depois de quinze anos, tudo se acaba assim, de uma hora pra outra...

ROQUE

(*Sem entender.*) Como se acaba, se eu voltei, se estou aqui..

MOCINHA

É isso mesmo, você voltou, está aqui, e está tudo acabado.

ROQUE

Compreendo, seu pai lhe contou a verdade e você sente vergonha de mim. Claro que não vou ao ponto de achar que o meu procedimento mereça uma estátua. Mas será que sou tão repulsivo assim? Só porque, num momento lá da minha vida, achei que era um homem livre e podia usar a minha liberdade como bem entendesse? Então pra que o homem é livre, senão pra isso, pra escolher o seu caminho.

MOCINHA

Não estou reclamando nada. Sei que não tenho direito nenhum. Você seguiu o seu caminho e eu, burra, devia ter seguido o meu. Você não tem culpa de nada. A culpa é toda minha.

ROQUE

Não, diga o que pensa. Pode dizer. Eu sei que você veio aqui pra me chamar de poltrão, covarde.

MOCINHA

Foi então por covardia?

ROQUE

Covardia, instinto de conservação, medo, loucura, sei lá... Mas o que importa é que eu estou vivo. Vivo.

MOCINHA

E ela sabe?

ROQUE

Ela, quem?

MOCINHA

Dona Porcina. Ela sabe que foram esses os motivos que levaram você a se casar com ela?

ROQUE

(Surpreso.) Casar?! Que história é essa?

MOCINHA

Eu nunca imaginei... Um homem que enfrentou o exército alemão de peito aberto, um herói nacional...

(Sai correndo.)

ROQUE

(Tenta detê-la.) Ei, espere...

Porcina entra.

PORCINA

Deixa ela ir. Precisamos ter uma conversa.

ROQUE

Também acho.

(Olha-a fixamente.) Então o falecido era eu.

PORCINA

A ideia não foi minha não.

ROQUE

E de quem foi?

PORCINA

De Chico Malta. Ele queria que eu viesse pra cá e que ninguém desconfiasse que a gente tinha um caso... principalmente a Mulher. Arrumou então esse pretexto.

ROQUE

Inventou que você havia casado comigo.

PORCINA

Antes de você partir pra guerra. Tava deixando ele chegar hoje para lhe contar tudo.

ROQUE

E os papéis, a certidão de casamento?

PORCINA

Oxente, gente, terra onde defunto vota por que é que não casa?

ROQUE

Falsificou.

PORCINA

Tão bem falsificado que até pensão eu recebo. Como viúva, a que era sem nunca ter sido.

ROQUE

Agora estou compreendendo a razão de sua influência. Além de amante do coronel, viúvo do cabo...

PORCINA

E cabo eleitoral do deputado.

ROQUE

Mas como foi que ele descobriu você?

PORCINA

Eu fui levar no escritório dele a carta que chegou lá na pensão... a carta do Exército, comunicando a sua “morte em ação.”

ROQUE

Por que levou pra ele?

PORCINA

Porque ele era daqui e diziam que era seu padrinho.

ROQUE

Padrinho nada.

PORCINA

Eu não sabia. Não sabia também que ele era aquele garanhão... Me agarrou naquele dia mesmo.

ROQUE

E agora? Eu voltando, você deixa de ser viúva...

PORCINA

(Oferecendo-se, sensual.) Passo a ser o que pensam que eu fui, a mulher de Cabo Roque.

ROQUE

E o velho?

PORCINA

Ora, ele tem que se conformar.

ROQUE

Mas eu é que me conformo. Antes, o corno era ele, agora o corno sou eu.

PORCINA

Eu podia ser fiel. Foi uma experiência que nunca tentei.

ROQUE

Não se deve exigir demais da natureza...

PORCINA

Queira ou não queira, você tá casado comigo de papel passado e tudo.

ROQUE

Uma ova. Se quiser, meto vocês todos na cadeia.

PORCINA

E casa com a filha do Prefeito.

ROQUE

Caso com quem quiser. Quem decide a minha vida sou eu.

PORCINA

(Ri) Você que pensa. Sua vida vai ser decidida hoje, e não por você.

ROQUE

Não estou entendendo.

PORCINA

Não vai haver mais desfile, chegada triunfal, nada.

ROQUE

Mas não estava tudo combinado, não estavam todos de acordo?

PORCINA

Todos, menos o General.

ROQUE

Que General?

PORCINA

Chico Malta chegou do Rio e trouxe um General. Ele é quem vai decidir.

ROQUE

Mas por que era preciso um General?

PORCINA

Sei lá. A coisa tá ficando cada vez pior. Se eu fosse uma criatura sensata, tava agora era convencendo você a desistir.

ROQUE

Abandonar a cidade?

PORCINA

Se isso ainda fosse possível.

ROQUE

Não é mais?

PORCINA

Até ontem, era. Agora, já não sei.

ROQUE

Mas quando eu cheguei, não queria que eu voltasse no mesmo pé?

PORCINA

Já lhe disse, a coisa mudou com a chegada do General. Quer um conselho? Faça o mesmo que fez na guerra: sebo nas canelas. Fuja e se esconda em qualquer lugar. Faça isso enquanto é tempo.

ROQUE

Mas por que tenho de fugir? Não podem me prender, fui anistiado.

PORCINA

No princípio, não entendi bem, mas agora compreendo o que significa para eles a sua volta.

ROQUE

(Perplexo.) Estão loucos. Estão loucos.

PORCINA

Estão não, estão com a cabeça no lugar. Louco é você de querer bancar o cabeçudo.

ROQUE

Eu não vim fazer mal a ninguém. Ao contrário. Tudo isso não tem pé nem cabeça.

PORCINA

(Muito sincera.) Se eu pudesse, juro que ia com você.

ROQUE

la pra onde?

PORCINA

Numa hora dessas, só dois lugares oferecem segurança: a igreja ou o “castelo” da Matilde.

DÉCIMO SEGUNDO QUADRO

Bordel.

Roque sentado sobre uma mesa, cercado pelas prostitutas, canta.

ROQUE

Vivemos tempos que não são os nossos,
aprendemos línguas
que jamais seremos capazes de falar,
caminhamos para um mundo
onde sucumbiremos de tédio
embora por ele tenhamos lutado.
Os que vieram antes de nós
nos roubaram todas as causas
todas as bandeiras
e somente uma opção nos deixaram
os que vieram antes de nós:
o sexo ou a revolução.
O tempo do homem é chegado!
matemos então um bocado deles
Aqui está a grande verdade:
vivemos a hora das posições absolutas,
direita volver, esquerda volver!
ou vamos à guerra, ou vamos às putas.

As prostitutas riem e aplaudem.

Ele bebe.

MATILDE

Onde você aprendeu tanta coisa, cara de anjo?

ROQUE

Por aí, correndo mundo.

NINON

E o que foi que você fez pra correr mundo?

ROQUE

Prometi matar muita gente, ou deixar que me matassem.

ROSALI

E não fez nem uma coisa nem outra, garanto.

MATILDE

Você não é de matar ninguém, cara de anjo.

ROQUE

É, parece que não consegui ser nem tão mau nem tão burro pra merecer uma estátua. Por isso, estão me cobrando.

MATILDE

Quem?

ROQUE

Seus fregueses.

ROSALI

É maluco.

NINON

Eu só queria viajar pra conhecer Pigale. Um marinheiro francês me falou, uma rua inteira só de mulheres.

ROQUE

O mundo tem muitas ruas assim. É tudo igual.

MATILDE

Mas dizem que lá em Paris a profissão é muito bem organizada.

ROQUE

Mas não só a profissão, o amadorismo também.

ROSALI

A concorrência deve ser muito grande.

MATILDE

Minha filha, sem concorrência não pode haver progresso. Não há estímulo. Ninguém pode se aperfeiçoar. É ou não é?

ROQUE

Claro, está provado que o monopólio estatal de prostituição é um erro.

NINON

Assim como aqui.

ROQUE

(Brincando:) Viva a livre empresa!

(Bebe.)

MATILDE

Por isso as francesas chegaram ao ponto a que chegaram.

ROSALI

Ah, detesto as francesas: não têm moral nenhuma.

NINON

Tu tem é despeito.

ROSALI

Cidade boa é a que tem marinheiro. Aqui, esses tabaréus são uns porcos.

ROQUE

Viva a marinha!

(Bebe.)

MATILDE

E você, o que é, cara de Anjo?

ROQUE

Profissão? Herói.

MATILDE

E onde é que você arrumou essa profissão?

ROQUE

Na guerra. Lutei sozinho contra Hitler, contra Mussolini, contra a Wehrmacht e a Luftwaffe. Contra os campos de concentração e as

câmaras de gás. Sozinho contra os alemães, contra os italianos, contra os ingleses e os americanos. Contra os russos.

NINON

(Rindo.) Lutou contra todos!

ROQUE

Contra a guerra.

ROSALI

Garganta pura.

ROQUE

Ah, mas é muito dura a profissão de herói. Se eu tivesse morrido, era fácil. Ou se tivesse sido herói por acaso, sem querer, como muitos. Mas sou um herói por convicção. Um herói de corpo inteiro.

(Fica de pé sobre a mesa e canta:)

Senhoras e senhores
aqui está o batuta
herói de corpo inteiro
herói feito na luta.

É um mundo estranho esse
em que somos obrigados a cantar
o medo e a covardia
como únicas virtudes
que nos poderão salvar.

É um mundo estranho esse
em que o amor ao pelo pode ser
um gesto revolucionário

e provocar a ira dos que nos querem enterrar.

ROQUE e PROSTITUTAS

Senhoras e senhores
aqui está o batuta
herói de corpo inteiro
herói feito na luta.

DÉCIMO TERCEIRO QUADRO

Casa de Porcina.

Em cena, Chico Malta e Porcina.

MALTA

Como é possível? Então o homem evaporou-se!

PORCINA

Quando cheguei da rua, tinha dado sumiço.

MALTA

E agora, o que é que vou dizer ao General? Fiz o homem vir do Rio de Janeiro só pra isso, pra resolver o que fazer com essa bomba. E agora tenho que chegar pra ele e dizer, o senhor me desculpe, mas a bomba já estourou.

PORCINA

Você não mandou vigiar a casa?

MALTA

Botei um jagunço em cada esquina.

PORCINA

E ele passou por todos eles?

MALTA

Como a figura do Cão.

PORCINA

E será que não era mesmo?

MALTA

O quê?

PORCINA

O Cão em figura de gente? Vindo só pra atentar?

MALTA

Só sendo mesmo. Porque isso vai ser o fim de todos nós.

PORCINA

Você também não tinha nada que chamar um general. Nós aqui podíamos resolver a coisa.

MALTA

Não chamei ninguém. Só comuniquei ao Ministério da Guerra. Se mandaram um General é porque compreenderam a gravidade da situação. E foi bom, porque assim livra a nossa responsabilidade. O que ele resolver, tá resolvido. E ele não vai admitir que esse borra-botas desmoralize a farda que vestiu. Vai ter que dar um sumiço nele.

PORCINA

Que espécie de sumiço?

MALTA

É o que vamos ver. De uma coisa você fique certa: nesta casa ele não dorme mais.

PORCINA

E de uma coisa você precisa saber: ele já tá sabendo de tudo a nosso respeito.

MALTA

Tudo o quê?

PORCINA

O casamento falso e tudo mais.

MALTA

Você que disse?

PORCINA

Não, Mocinha, filha de seu Abelha.

MALTA

Esteve aqui?

PORCINA

Esteve. E agora eu acho que nós estamos mais perto do xilindró do que ele.

MALTA

Mais uma razão pra caçar este cabra safado e dar um jeito nele.

(Volta-se para ela, desconfiado.)

Você não sabe mesmo onde ele se meteu?

PORCINA

Sei não, homem, já disse. Se soubesse, não era do meu interesse dizer?

MALTA

Inda bem que você entendeu. Pensei que estivesse com a ilusão de que ele quisesse legalizar esse casamento.

PORCINA

Foi coisa que nunca me passou pela cabeça.

MALTA

E é só isso não. A pensão do Estado, sua situação aqui, tudo você ia perder. Já pensou?

PORCINA

Já. E mesmo assim, eu queria te pedir um favor: deixe ele fugir.

MALTA

Deixar? Você tá louca?

PORCINA

É um pedido que te faço. Ele tá apavorado, vai ganhar o mundo e nunca mais vai botar os pés aqui. Eu garanto.

MALTA

Você garante. Então foi você quem ajudou ele a escapar.

PORCINA

Ele não merece...

MALTA

Tu é a mulher mais burra que eu já conheci. Que é que tu tem dentro dessa cabeça? Merda?

PORCINA

Eu sabia, sabia o que vocês iam fazer com ele... E não podia deixar.

MALTA

A vontade que eu tenho é de te arrebentar de porrada.

(Ameaça agredi-la. Ela escapa.)

Tua sorte é que eu não tenho tempo. Mas tu não perde por esperar.
Pra onde ele foi?

PORCINA

Sei não. Juro que não sei.

MALTA

(Segurando-a pelos ombros e sacudindo brutalmente.) Diga, sua égua! Diga, que de todos nós tu é que tem mais a perder. Será que ainda não entendeu isso? Ele vai te desgraçar a vida. Vai te meter na cadeia e casar com a filha do Prefeito. Não entende que foi por causa dela que ele voltou, sua idiota?

PORCINA

Mas eu não sei. Não sei pra onde ele foi!

DÉCIMO QUARTO QUARTO

Bordel de Matilde.

Roque dança um tango com Ninon.

Matilde e Rosali assistem, divertidas.

Ele troca de par, dança também com Rosali.

Súbito, entram Chico Malta e Florindo Abelha.

MALTA

(Aponta para Roque.) Aí está ele!

FLORINDO

(Para fora.) Pode vir, General. Achamos o homem.

General entra.

Roque interrompe a dança, surpreso.

As mulheres estão mais surpresas ainda.

MATILDE

Sinhozinho Malta... seu Prefeito... que honra.

MALTA

Vá lá pra dentro, Matilde. E leve as meninas.

MATILDE

(Assustada.) Ninon, Rosali...

NINON

(Saindo.) Ele chamou o outro de General...

ROSALI

Deve ser apelido.

Matilde, Ninon e Rosali saem.

MALTA

Sente-se, General.

FLORINDO

Mas vamos fazer isso aqui?

MALTA

Que jeito?

FLORINDO

Não acho que seja um local muito apropriado. Principalmente pro General.

MALTA

Sua excelência deve compreender a situação.

FLORINDO

Se alguém viu a gente entrar aqui, amanhã toda a cidade vai saber...

MALTA

Acho que ninguém vai imaginar que viemos aqui pra...

FLORINDO

E vão imaginar que viemos fazer o quê?

MALTA

Bem, é um risco que temos que correr. Mais perigoso era sair com ele daqui agora.

GENERAL

E eu não tenho tempo a perder. Preciso voltar ao Rio e deixar este caso resolvido.

(Volta-se para Roque:)

Você é o Cabo Roque?

ROQUE

(Perfilá-se.) Cabo Roque Duarte, Força Expedicionária Brasileira, 6º Regimento da Infantaria.

GENERAL

O boletim do seu Regimento o dá como morto em ação no dia 18 de setembro de 1944. Morte heroica, segundo o elogio do Comandante de seu Batalhão. Que é que o senhor tem a dizer?

ROQUE

Eu... sinto muito.

GENERAL

O senhor sabe quem era esse comandante?
Era eu.

ROQUE

Eu bem que estava reconhecendo...

GENERAL

O senhor sabe que há um batalhão no Exército com o seu nome?

ROQUE

Não sabia não.

GENERAL

Sabe que, na História da Campanha da Itália, que eu escrevi, há um capítulo inteiro dedicado ao senhor?

FLORINDO

Que vexame...

GENERAL

Vexame pra mim.

MALTA

Pra todos nós.

ROQUE

Mas o que é que os senhores querem que faça? Que volte pra Itália?

FLORINDO

É a solução.

GENERAL

É muito perigoso. Quem nos garante que ele não vai abrir o bico? Que não vai até, depois, fazer chantagem? A honra do Exército não pode ficar nas mãos de um canalha.

MALTA

Mas se ele não pode voltar pra Itália...

FLORINDO

Nem pode ficar aqui...

GENERAL

A verdade é que não tem nenhum sentido ele estar vivo. É uma vergonha pára o Exército e um contrassenso. A morte dele consta da ordem de dia 18 de setembro de 1944 do 6º Regimento de Infantaria. Foi uma morte heroica, apontada como exemplo de bravura do nosso soldado. Atentem bem os senhores no que isso significa: há um batalhão com o nome dele. Isso é definitivo.

Para o Exército, ele está morto e deve continuar morto.

Rosali passa com uma pequena bacia d'água e uma toalha de rosto no ombro.

General a detém, lava as mãos na bacia, enxuga-as na toalha.

ROSALI

Ei, cara, essa água era pra eu me lavar.

(Sai.)

GENERAL

Resolvam os senhores como entenderem.

(Dá as costas.) Malta e Florindo se entreolham.

FLORINDO

Resolver como?

MALTA

Fique aqui com ele, tenho um negócio a tratar com Matilde.

(Sai.)

ROQUE

(Preocupado, sentindo o perigo que corre.) Como é que vão resolver?

General continua de costas.

Florindo tem um olhar frio, impenetrável.

ROQUE

(Sorri amarelo.)

Parece que a única maneira de não desmentir o boletim do meu Regimento era eu dar um tiro na cabeça ou beber formicida. Só que me falta coragem. É tão bom a gente estar vivo. E melhor ainda é estar vivo na terra da gente. Não estou dizendo isso pra comover ninguém, não. Mas palavra que vim cheio de planos, de vontade de trabalhar. Com a experiência que tenho agora, acho que podia ser útil. Vi muita coisa, aprendi muita coisa por esse mundo afora. Fui covarde, quando era preciso, fui cruel quando não havia outro jeito, mas também fui bom, muitas vezes. Um homem é isso, afinal. É ou não é?

Florindo e General continuam impassíveis.

ROQUE

Sabem o que eu acho? Que o tempo dos heróis já passou. Hoje o mundo é outro. Tudo está suspenso por um botão. O botão que vai disparar o primeiro foguete. Esse é que é o verdadeiro herói, o verdadeiro deus, o deus-botão. Pensem bem, o fim do mundo, depende do fígado de um homem.

(Ri.)

E vocês ficam aí cultuando a memória de um herói absurdo. Absurdo, sim porque imaginam ele com qualidades que não pode ter. Caráter, coragem, dignidade... não vêem que tudo isso é absurdo? Quando o mundo pode acabar neste minuto. Isso mesmo, num segundo pode ir tudo pras picas. E isso não depende de mim, nem de vocês, nem de nenhum herói.

(Pausa. Sonha os rostos impassíveis do General e do Prefeito.)

Adianta não. Vocês querem porque querem um herói. A glória da cidade precisa ser mantida. A honra do Exército precisa ser mantida.

Entra Malta seguido de Matilde.

MALTA

Acho que podemos ir, General. O senhor não tem de pegar o trem?

GENERAL

Tenho.

MALTA

Então, vamos. Está tudo resolvido. *(Inicia a saída, deixando que o General passe a frente.)*

ROQUE

E eu?

MALTA

Você? Divirta-se. Vamos levar o General e voltamos mais tarde.
(Sai com o General e o Prefeito.)

ROQUE

Ele me parece de repente muito tranquilo. Isso não é bom sinal.
Entram Ninon e Rosali, que cercam Cabo Roque.

MATILDE

Que é isso, cara de anjo? Com medo?

NINON

Um herói não tem medo.

ROQUE

Que foi que ele conversou com vocês?

MATILDE

Negócios. Falamos de negócios. E por falar nisso, bebida, meninas, tragam bebida. Precisamos comemorar.

NINON

Cerveja?

MATILDE

Não, coisa mais forte. Traga aqueles cocos com pinga dentro. O acontecimento merece.

ROQUE

Que acontecimento?

MATILDE

Vamos abrir uma boate. A Boate Sexus.

NINON

(Pegando vários cocos e colocando sobre a mesa.)

Só quero ver a cara do Vigário.

ROSALI

Vocês vão ver: vai fazer um sermão por dia contra nós e mandar a beataria jogar pedras na gente.

MATILDE

Se preocupe não. O deputado disse que deixa o Vigário por conta dele. Sabe, quando eles querem se entendem.

ROSALI

O Vigário tem razão, uma casa basta.

NINON

Fresca.

MATILDE

Não vê que, aumentando o mercado, todo mundo lucra?

ROSALI

Aumenta o mercado, diminui a freguesia.

NINON

Egoísta. Só pensa nela.

MATILDE

Diminui nada. Quanto mais mulheres, mais fregueses. Os homens gostam de variar. É ou não é, cara de anjo?

NINON

Ele se chama Roque. Nome bonito.

MATILDE

Pode beber, Roque. É de graça. Gentileza da casa.

ROQUE

(Ergue um brinde, um tanto desconfiado.)

Então, à filial! Que seja digna das tradições da matriz.

MATILDE

Ah, isso vai ser, ora se vai, uma casa de categoria como nem no Rio de Janeiro se vê igual.

ROQUE

Mas a parada com o Vigário vai ser dura. Me admira que Chico Malta queira topar uma parada dessas em véspera de eleição.

Ouve-se o toque de uma campainha.

Rosali faz menção de sair.

MATILDE

Não, Rosali, não abra.

ROQUE

(Intranquilo.)

São eles de volta. Vieram me buscar.

MATILDE

São não. Fique sossegado, eles não vão voltar.

ROQUE

Como você sabe?

ROSALI

Deve ser já a freguesia.

MATILDE

A casa hoje tá fechada pra comemorar. Nada de trabalho. Nada de homens, a não ser o nosso herói.

ROQUE

É um privilégio que não mereço.

MATILDE

E pro nosso herói, é tudo de graça. Mulher, pode escolher.

Bebida, pode beber até cair de porre.

NINON

Vamos ver se ele dá conta do recado...

ROSALI

Tem cara de ser bom de cama.

Ninon e Rosali sentam-se, uma em cada joelho de Cabo Roque.

ROQUE

(Deslumbrado.)

Puxa vida, isso é coisa que a gente imagina quando é menino, mas que nunca acontece.

NINON

Qual de nós você prefere?

ROQUE

Todas.

MATILDE

Então vai com todas pra cama.

ROQUE

Ao mesmo tempo?

MATILDE

Mas antes vai ter que beber toda a cachaça que tá dentro desse coco de uma só vez sem respirar.

ROQUE

Querem ver?

NINON

Mostra que é macho.

Roque fica de pé sobre a mesa e bebe.

MATILDE

Mais! Mais!

NINON

Até o fim.

As prostitutas batem palmas cadenciadas.

Roque esvazia o coco.

Cambaleia e quase cai da mesa.

Desce, tropeça, cai nos braços de Ninon e Matilde, que o ajudam a sentar-se.

Ele cai de bruços sobre a mesa.

A campainha volta a tocar insistente, enquanto Rosali tem um acesso de choro.

MATILDE

Que é isso, idiota? Quer estragar tudo?

ROSALI

Não quero passar o resto da vida na cadeia. *(Sai correndo.)*

ROQUE

(Tenta erguer-se, completamente embriagado.) Ou vamos à guerra... ou vamos... às putas...

(Cai novamente sobre a mesa, desmaiado.)

MATILDE

Essa Rosali é sempre uma fresca. Nunca se pode contar com ela.

NINON

Eu topo. Mas quero sociedade na boate.

MATILDE

Dou, já disse, dou sociedade às duas.

NINON

E depois... que é que nós vamos fazer com ele?

MATILDE

Isso é com Chico Malta. Vamos levar ele pro quarto. Assim ele dorme e a coisa fica mais fácil.

Ouve-se o ruído de uma janela estilhaçada.

NINON

Que é isso, Matilde!

ROSALI

(Entra correndo, assustada.) São elas! As beatas!

Novos ruídos, a casa está sendo apedrejada.

MATILDE

De novo!

ROSALI

Desta vez são mais de vinte! E o Vigário vem na frente!

MATILDE

É um Vigário do Cão!

NINON

Padre excomungado!

MATILDE

(Xingando, pra fora:) Chupadoras de hóstia! Beatas duma figa!

NINON

(Grita também:) Tão é com falta de homem! Vem cá que eu arranjo um pra cada uma!

MATILDE

Vão jogar pedra no cu da mãe!

NINON

Suas filhas da puta!

Uma pedra arrebenta uma vidraça e vem cair dentro da sala, quase atingindo Roque, que nem se mexe.

ROSALI

Putá merda! Quase caiu na cabeça dele!

NINON

(Arma-se com uma garrafa.) Que entre uma dessas beatas aqui pra ver o que lhe acontece.

MATILDE

Espera... tenho uma ideia... *(Apanha o estilhaço de vidro. Ri. Volta a gritar para fora:)*

Isso, atirem mais pedras! Quebrem tudo, que eu tenho quem pague.

(Volta para junto de Roque com o vidro na mão.)

Rosali, percebendo a intenção de Matilde, cobre o rosto com as mãos.

DÉCIMO QUINTO QUADRO

Bordel.

No meio da sala, sobre uma mesa, o corpo de Roque, coberto por um lençol, entre quatro velas acesas.

Em volta do corpo, Porcina, Malta, Matilde, Florindo Abelha, Zé das Medalhas, Ninon, Rosali e Padre Hipólito.

MATILDE

Ele tava sentado ali, bebendo, coitado. Tava tão alegrinho, contando casos... A pedra quebrou a vidraça, um estilhaço de vidro pegou bem aqui (*Mostra a carótida.*), lá nele. Nunca vi tanto sangue. Uma cachoeira.

PORCINA

Quem jogou a pedra?

MATILDE

E quem vai saber? Eram mais de vinte, todas com o diabo no corpo.

PADRE

Com o diabo, não. Com o diabo sempre estiveram vocês. Tinham acabado de ouvir missa e comungar.

MOCINHA

(Num ataque de histeria.) Fui eu! Eu estava com elas! Eu atirei a pedra!

POMBINHA

Minha filha!

FLORINDO

Não diga tolice. Tantas pedras, por que logo a sua? Como você pode saber?

MOCINHA

Porque eu estava com ódio. Estava possuída pelo demônio mesmo.

MALTA

Seu Abelha, é melhor que ela vá pra casa. Não deviam ter deixado ela vir.

FLORINDO

Pombinha, leve ela pra casa.

POMBINHA

Vamos, filhinha, vamos. Isso aqui não é mesmo lugar pra uma moça donzela.

MOCINHA

Eu não sabia que ele estava aqui... juro que não sabia!
(*Sai com Pombinha.*)

MALTA

Eu não tou dizendo? O senhor exagera nos seus sermões.

PORCINA

Taí o resultado.

PADRE

Por que não chamaram logo um médico?

MATILDE

De que jeito? Suas beatas não deixam ninguém botar a cara na janela. Logo que elas foram embora, fui chamar o Delegado. Não encontrei, chamei Sinhozinho Malta.

MALTA

Era tarde. Quando cheguei, já tava morto. Uma coisa horrível.

PORCINA

Não morreu numa guerra de verdade, para vir morrer numa guerrinha besta de mulheres.

PADRE

Ainda assim, não me arrependo dos meus sermões. E estou disposto a assumir a responsabilidade de tudo.

MALTA

Não, isso também não é justo. Cada um de nós contribuiu um pouco pro acontecido. A cidade inteira. E ao mesmo tempo que cada um de nós é culpado, ninguém tem culpa de nada. Se ele não tivesse

voltado, se tivesse morrido há quinze anos, como consta da ordem do dia de seu batalhão...

PORCINA

“Morto em ação”. É triste que tenha voltado pra morrer num bordel. E nem ao menos em ação... não foi?

MATILDE

Não, não chegou a isso, coitado.

ZÉ DAS MEDALHAS

Muito triste. Muito triste.

FLORINDO

Mais triste ainda pra dona Porcina, que volta a ser viúva, depois de ter deixado de ser...

PORCINA

É minha sina... Ser sobejo de defunto.

MALTA

Acho melhor abafar o caso.

PADRE

Abafar como? Se há um homem morto. Se houve um homicídio.

MALTA

A vítima já tinha morrido há quinze anos. E entre as duas mortes, se ele pudesse escolher, com certeza tinha escolhido a primeira. Tou certo ou tou errado?

TODOS

(Menos o Padre)

Tá certo... tá certo.

MALTA

Portanto, seria uma vingança covarde a nossa dando a conhecer a verdade.

FLORINDO

Também acho.

ZÉ DAS MEDALHAS

Certíssimo.

MALTA

Além do mais, quem sabe se nisso tudo não andou a mão de Deus? Quem sabe se não foi Deus quem atirou aquela pedra?

PADRE

Não blasfeme!

MALTA

Deus, que vê tudo, deve ter visto que essa era a única maneira de salvar a cidade da ruína.

PADRE

Apesar dos defeitos de Cabo Roque, não creio que Deus tenha decidido sacrificá-lo pra que Asa Branca continue tal como é.

FLORINDO

E por que não? Uma cidade não é muito mais importante que um indivíduo?

PADRE

Roque era um homem bom.

MALTA

Cristo também era.

Padre Hipólito inicia a saída.

MALTA

Padre? *(Padre detém-se.)*

As cinzas de Cabo Roque vão chegar da Itália. Conto com o senhor pra cerimônia de benzimento.

Padre Hipólito sai sem dar resposta.

PORCINA

Desde que ele chegou que eu senti que alguma coisa ruim ia acontecer. A ele ou a mim.

MALTA

A ele ou a todos nós. É nisso que a gente deve pensar. A uma cidade inteira.

FLORINDO

Não seria um crime muito maior matar uma cidade?

MALTA

Não pensem que eu não sinto também. Era um bom rapaz, apesar dos defeitos.

PORCINA

Era divertido, gostava de viver. Tão alegre, parecia uma criança.

MALTA

Mas pense nas verdadeiras crianças. Vão poder crescer, felizes, orgulhosas de terem nascido aqui. E vendo a cidade progredir, ganha importância. O Vigário diz que ganhamos também muita coisa ruim. Mas ninguém cresce sem ter sarampo, catapora. É da vida, da natureza humana. Tou certo ou tou errado?

ZÉ DAS MEDALHAS

Certíssimo.

FLORINDO

Em compensação, teremos também uma estrada.

MALTA

Uma estrada asfaltada para chegar na capital em duas horas.

PORCINA

Que bom. Vou a Salvador toda semana.

MALTA

E ninguém constrói uma estrada dessas sem sacrificar muitas vidas. É a paga do progresso.

DÉCIMO SEXTO QUADRO

Boate Sexus.

Matilde, Ninon e Rosali dançam.

Final de show. Aplausos.

Mudança de luz rápida.

Matilde, Rosali, Florindo, Zé das Medalhas, Toninho Jiló, aglomerados diante de uma porta, disputam a primazia de olhar pelo buraco da fechadura.

TONINHO JILÓ

Espera! Não empurra.

ZÉ DAS MEDALHAS

Quero ver também.

FLORINDO

Primeiro eu.

ZÉ DAS MEDALHAS

Por que você?

FLORINDO

Como Prefeito, reivindico o direito de testemunhar o ato.

Todos se afastam, resmungando.

Florindo cola o olho no buraco da fechadura.

Os outros voltam a acotovelar-se em volta dele.

MATILDE

Eu acho que essa inauguração devia ter um tom mais solene. O senhor não acha, seu Zé das Medalhas?

ZÉ DAS MEDALHAS

É o Brasil, dona Matilde. Ninguém leva nada a sério.

FLORINDO

Pssiu!... Ai vêm eles! Ai vêm eles!

Todos se afastam da porta, assumem atitudes corretas.

Entra Sinhozinho Malta abotoando as calças e logo depois Ninon.

Sinhozinho agradece com um sorriso.

MATILDE

Agora o discurso!

TODOS

O discurso!

FLORINDO

Minhas senhoras e meus senhores. Diante do poder legislativo aqui representados pelo deputado Chico Malta...

Todos batem palmas.

FLORINDO

...e do poder judiciário... (*Procura.*)

O juiz não veio?

ZÉ DAS MEDALHAS

O meritíssimo está acamado. Me pediu para representá-lo...

FLORINDO

...e do poder executivo, que sou eu mesmo, declaro inaugurada esta casa que é, em seu gênero, uma das melhores do país, quiçá da América do Sul.

ZÉ DAS MEDALHAS

É isso mesmo.

JILÓ

Diz que nem nas Oropas tem coisa parecida.

TODOS

Não tem... não tem mesmo...

FLORINDO

Quero declarar também que isso não seria possível sem o espírito empreendedor de dona Matilde...

Palmas. Matilde agradece com um sorriso.

FLORINDO

...que tanto tem colaborado com o nosso plano de turismo e diversão. Plano que, se Deus quiser, há de fazer de Asa Branca

uma cidade digna de Cabo Roque, aquele que morreu lutando pela democracia e pela civilização cristã.

Aplausos.

MALTA

(Canta:)

Assim, senhoras e senhores,
foi salva a nossa cidade.
Com pequenos sacrifícios
de nossa dignidade,
com ligeiros arranhões
em nossa castidade
e algumas hesitações
entre Deus e o Demônio
consequimos preservar
todo o nosso patrimônio.

Muda a luz.

Ilumina-se a praça, o monumento.

Os demais personagens. Porcina, Dona Pombinha. Mocinha e Padre Hipólito juntam-se aos demais e cantam em coro a mesma música.

FIM

Se você gostou deste livro, o que acha de fazer com que outras pessoas venham a conhecê-lo também? Poderia comentá-lo com as pessoas de seu relacionamento, emprestar ou mesmo presentear a alguém que talvez esteja precisando e que não tenha condições de comprá-lo. O importante é a divulgação da boa leitura. Entre nesta corrente!

APÊNDICE IV

O BERÇO DO HERÓI E AS ARMAS DO CARLOS

Dias Gomes

Cerca de três horas da tarde, 23 de julho, ano 2 do Desastre. No imenso e soturno gabinete do Superintendente da Polícia Judiciária do Estado da Guanabara, três homens afundados em graves poltronas. Dois falavam, o terceiro apenas ouvia, ar impenetrável.

Diálogo:

— A peça está proibida.

— Mas o texto não foi aprovado pela Censura?

— Foi.

— Por que então a proibição?

— Porque o texto sofreu alterações durante os ensaios.

— Mas isto é comum.

— Mas não pode. Não está de acordo com o texto aprovado.

— Podemos levar então o texto aprovado?

— Não.

— Por quê?!

— Porque fizeram alterações no texto aprovado.

— Suprimimos as alterações. Levamos o original, sem mudar uma vírgula. Podemos?

— Não.

— Por quê?!

— Porque o original foi alterado.

Nem Kafka, nem Ionesco, colaboraram nesse diálogo. Ele foi travado, absolutamente de improviso, entre o Sr. Sales Guerra, Superintendente da Polícia Judiciária e este modesto bolador de estórias teatrais. O terceiro homem, o que não falava, era o próprio chefe da Censura Estadual, Sr. Asdrúbal Sodré Júnior.

— Os senhores infringiram o artigo 41 do Regulamento.

— Perdoe-me a ignorância, mas não conheço esse artigo. O senhor poderia talvez esclarecer-me sobre o seu texto.

— Que texto?

— O texto do artigo 41.

— Ah, não sei. Também não sou obrigado a conhecer todos os artigos de todas as leis.

— Mas o Chefe da Censura deve saber.

O Sr. Asdrúbal mostrou-se surpreso.

— Eu? Por quê?

— Porque o senhor é o chefe da Censura.

— Quem aplica o artigo é o censor, no parecer.

— E o parecer? Posso ver o parecer?

— Não. O parecer é confidencial.

— Mas eu preciso saber de que me acusam.

— O senhor é acusado de ter infringido o artigo 41. Não basta?

Achei que não bastava. Na véspera, às cinco horas da tarde, minha peça *O Berço do Herói* fora proibida pela Censura do Estado. E deveria subir à cena às 21 horas e 30 minutos do mesmo dia. A medida nos deixara perplexos porquanto os originais enviados à Censura, com quarenta e cinco dias de antecedência, haviam obtido total aprovação. Como é de praxe, os censores liberaram o texto solicitando um ensaio-geral para a liberação definitiva do espetáculo.

Esse ensaio realizou-se um dia antes da estreia (que não houve), com a presença de dois censores e mais quatro cavalheiros de pedra (não falavam, não sorriam, acho que nem sequer pensavam). Ao terminar, indaguei se o espetáculo estava aprovado.

— Não podemos dizer nada.

— Como?!

— Só amanhã.

— Amanhã?! Mas amanhã é o dia da estreia. Se há algum corte, precisamos saber com antecedência.

O censor, aliás censora, olhou para os quatro cavalheiros de pedra e repetiu:

— É, mas só amanhã.

O Regulamento, o mesmo Regulamento que o Sr. Sales Guerra invocou contra nós, que, quando a Censura vai assistir ao ensaio-geral é obrigada a declarar, *imediatamente após o mesmo*, se há ou não cortes a fazer e quais esses cortes. Mas hoje em dia, neste País, as leis e os regulamentos só valem quando são a favor daqueles que os manipulem. E os censores partiram, sem uma palavra de esclarecimento, sem uma definição. Os quatro cavalheiros de pedra também.

No dia seguinte, veio a proibição. Não foi determinada pelos censores que, em seus relatórios, aprovaram o espetáculo, assinalando apenas algumas alterações introduzidas no texto e sugerindo a supressão das mesmas; a proibição foi determinada pelo próprio Chefe de Serviço de Censura, que não leu o texto, nem assistiu ao ensaio.

Nessa mesma noite, por volta das vinte e uma horas, compareceu ao Princesa Isabel um policial. Vendo que dezenas de espectadores, ainda não informados da proibição, aglomeravam-se à porta do teatro, julgou que tencionássemos dar espetáculo e ameaçou chamar um choque da Rádio Patrulha. E quando lhe expliquei que desejava comunicar pessoalmente ao público a proibição da peça, opôs-se formalmente.

— O Senhor não pode fazer isso.

— Por quê?

— Porque a peça não está proibida.

— Como assim?

— A peça *não foi liberada*.

— E não é a mesma coisa?

— Não.

— Qual a diferença, se de qualquer forma não podemos encená-la?

— Mas a diferença existe. Pode ficar certo de que existe.

Não existia. Pouco depois, o Chefe da Censura gritava pelo telefone no ouvido do diretor Antônio Abujamra:

— Proibida. A palavra é essa mesma: PRO-I-BI-DA!

O público que viera para a estreia ainda se aglomerava no saguão do teatro, quando chegaram dois censores, o Dr. Otati e o Sr. Machado.

Amáveis, simpáticos, compreensivos, pudemos enfim, ter com eles um diálogo rigorosamente dentro da lógica aristotélica. Explicou-nos o Sr. Otati que a proibição era consequência de alguns acréscimos havidos durante os ensaios. Esclareci que essas alterações são comuns durante o processo de criação do espetáculo teatral. O diretor as realiza - com o consentimento do autor, quando este é vivo e presente - para atender a exigências da encenação. E, às vezes, é o próprio autor que, ouvindo e vendo o seu texto, decide modificar uma cena ou outra. Minhas peças sempre sofreram

alterações - por solicitação do diretor ou de minha própria iniciativa - durante os ensaios. *O Pagador de Promessas*, por exemplo, teve duas cenas totalmente reescritas, sendo uma delas a cena do final. Quando a Censura comparece ao ensaio geral, suponho que seja justamente para examinar essas possíveis alterações e aprová-las ou vetá-las. Evidentemente, essas explicações eram desnecessária para o Sr. Otati, conhecedor profundo da mecânica teatral. Tanto que tomou do texto e apontou todas as modificações que deveriam ser feitas se quiséssemos ter o espetáculo liberado. Eram substituir o pano verde-amarelo que cobria a estátua do herói por outro com outras cores, mudar o tratamento de duas das personagens (de *General* para *Emissário do Ministério da Guerra*, e de *Major* para *Deputado*), substituir a sigla IPM pela palavra *inquérito*, deslocar a ação da peça, suprimindo os substantivos *Brasil*, *Salvador* e *Rio de Janeiro*, sempre que mencionadas.

Acho importante analisar essas modificações, já que eu e Abujamra concordamos em realizá-las. É óbvio que elas em nada alteravam o sentido do texto ou do espetáculo. Não se tratava, portanto, de abrir mão de nossa liberdade de expressão porque esta não era afetada. A bandeira cor-de-rosa que veio substituir a verde-amarela (no texto não se mencionavam as cores) funcionava praticamente com a mesma força. Chamar o *General* de *Emissário do Ministério da Guerra* (tal como no original enviado à Censura), parece-me uma alteração demasiado sutil, pois é evidente que um emissário do Ministério da Guerra deverá ser um oficial de patente superior, de major para cima. Ou será que apenas os generais são intocáveis? É bem verdade que um amigo me transmitiu a sugestão de um general reformado; homem perfeitamente identificado com a situação:

— Diga ao Dias Gomes que mude aquele General para Coronel que a peça passa.

Mas se eu fizesse isso os coronéis reclamariam e exigiriam o rebaixamento do personagem para *Major*, os majores para *Capitão*. Resultado: o meu General acabaria recruta...

A exigência da supressão do título de *Major* dado ao Deputado Chico Malta resultava de uma incompreensão. Chico Malta é *Major* de roça. Na Bahia, além da *patente* de coronel, atribuem-se também

outras aos fazendeiros, como o *Major* e *Capitão*. A Censura julgou que a patente de Chico Malta era militar e... cassou-a.

A substituição da sigla IPM pela palavra *inquérito*, sendo esse inquérito militar, parece-me que resulta no mesmo... Quanto à deslocalização da ação de uma peça eivada de regionalismo como *paid'égua, bocó, babaquara, bobó, cafundó do judas, oxente*, etc., só poderia ser feita se fosse toda ela reescrita. E aqui é preciso ficar claro um ponto, em razão das deturpações no noticiário dos jornais. Em nenhum momento nos dispusemos a fazer “toda e qualquer” alteração exigida pela Censura. Desde o início declaramos que, se o texto original estava aprovado, deste não abríamos mão e nele não mudaríamos uma vírgula. O diálogo com os censores foi estabelecido em torno, unicamente, de pequenas alterações introduzidas nesse texto.

Feitas as alterações acima, aconselhou-se o Dr. Otati a requerer do Sr. Sales Guerra, Superintendente da Polícia Judiciária, uma revisão de censura, afirmando que então o espetáculo seria liberado. Isto foi feito no dia seguinte, quando compareci ao gabinete do Sr. Guerra. (S. Senhoria recusou-se a receber uma comissão de artistas de várias companhias, designada numa assembleia da classe teatral realizada na madrugada anterior.) Após um exaustivo diálogo de surdos, prometeu o Sr. Guerra “estudar o caso e dar uma solução talvez na segunda-feira.” Estávamos na sexta, 23 de julho. Insisti numa solução imediata, já que a espera de tantos dias representaria enormes prejuízos para a empresa. Mas não houve argumento que demovesse S. Senhoria.

No sábado, o advogado Dr. Sobral Pinto abraçou a causa. Sua participação na luta pela libertação da peça determinou uma mudança de tática das autoridades: passaram a dizer que o espetáculo seria liberado. Era tudo uma questão de tempo. O despacho do Sr. Sales Guerra ao nosso requerimento de revisão de censura era favorável. Os censores eram todos favoráveis. Tivéssemos paciência, talvez no dia seguinte a coisa se resolvesse. E durante quinze dias, todas as noites, o elenco maquiou-se e vestiu-se para aguardar a Censura. Inutilmente. Vinha sempre uma justificativa por intermédio do Dr. Sobral Pinto:

— Eles não puderam vir hoje, mas virão amanhã. Não desesperem.

Não desesperamos. A classe teatral estava solidária e dava provas de repúdio à atitude da Censura. Vários elencos leram, em cena aberta, uma nota dedicando o espetáculo ao elenco de *O Berço do Herói*. Comissões representando várias companhias percorreram redações de jornais, lançando o seu protesto. Escritores, cineastas, advogados, uniram-se a nós nas assembleias de classe, compreendendo que a luta não era só nossa. E decidiram apressar a publicação de uma carta dos intelectuais e artistas, dirigida ao Presidente da República, em defesa da liberdade de pensamento, carta essa que fora proposta antes de se consumir o mais grave atentado a esse direito consagrado na Constituição: a proibição de uma peça teatral já aprovada pela Censura. A carta foi publicada com cerca de mil e quinhentas assinaturas. Do Rio Grande do Sul, o *Grupo Decisão* lançou um manifesto denunciando a arbitrariedade. De toda parte nos chegavam gestos, palavras, demonstrações de solidariedade. A imprensa, com apenas uma voz discordante e menor, de um pigmeu alcoólatra, abriu colunas em nossa defesa. No Senado e na Câmara Estadual vozes se levantavam em protesto. Tudo isso nos deu ânimo para resistir duas semanas, findas as quais tivemos a informação de que o despacho (favorável) do Sr. Sales Guerra estava com o Coronel Gustavo Borges e que este recebera ordem para “sentar-se em cima do processo”. Compreendemos então que estávamos sendo vítimas de uma punição econômica. Queriam vencer-nos, destruindo-nos economicamente, pois a empresa não poderia resistir indefinidamente tendo que arcar com as despesas de um elenco parado. Era uma tática covarde e desumana. E desde que, segundo todas as indicações, os censores e o Superintendente da Polícia Judiciária eram favoráveis a uma revisão imediata do veto que nos fora imposto, restava saber de onde partia de fato esse veto. Todos diziam que a coisa vinha “de cima”. Mas recusavam-se a dar o nome dessa misteriosa esfinge que nos assolava implacavelmente. Seria o Coronel Gustavo Borges? Mas esse dissera que recebera ordens. De quem? Do ministro da Guerra? Do Coronel? Do Presidente da República? De algum embaixador estrangeiro? Realizamos sondagens nas diversas áreas e os resultados foram sempre negativos. Nada com o Exército. Nada com o Sumaré. Nada

com Brasília (a Censura Federal chegou mesmo a aprovar a peça enviada pelo Grupo de Teatro da Universidade, que pretendia encená-la.) De onde vinha então a voz que ordenava a nossa destruição? Sabíamos apenas que vinha “de cima”. Seria Deus?

Tentando solver o mistério, os atores do elenco de *O Berço do Herói* decidiram ir, incorporados, à presença do Governador do Estado. Tiveram a sorte de encontrá-lo, de saída, à entrada de seu famoso triplex. Sem levar em conta a presença de algumas atrizes, como Tereza Rachel, Ana Maria Nabuco, Maria Esmeralda, Ilva Niño, etc., o Governador mostrou-se pouco cortês.

— Já, sei, vocês vêm falar d’ *O Berço do Herói*. Não adianta. Li a peça. É pornográfica e subversiva. Fui eu que mandei proibi-la.

— Mas Governador, a peça havia sido aprovada pela Censura.

— Eu sei. Mas enquanto houver Constituição (!!!) neste País peças desse tipo não serão permitidas. De agora em diante vou ler todas e proibir uma por uma. Há algumas em cartaz que já deveriam ter sido proibidas. A do Nelson Rodrigues, por exemplo. Mas essa é só pornográfica. Dias Gomes é pior, é também subversivo. E vão embora daqui. Vão embora.

A essa altura, visivelmente irritado, o Governador gesticulava, tangendo as atrizes, que recuavam, amedrontadas.

— Se querem fazer revolução, peguem em armas!

Com esse desafio algo surrealista, deu as costas, entrou no seu luxuoso carro oficial e partiu, deixando os atores perplexos. Estava solucionado o mistério. A esfinge chamava-se Carlos Lacerda, autor de duas obras-primas da dramaturgia universal, *O Rio* e *A Bailarina Solta no Mundo*, e também tradutor de peças de alto nível moral, tais como *O Bem-amado* e *Como Vencer na Vida sem Fazer Força*. Pelo que se podia deduzir de suas declarações, toda peça que não tenha, de hoje em diante, a grandeza dramática e literária das duas primeiras e não transmita os elevados conceitos morais e éticos das duas últimas, ainda que aprovadas por todas as censuras, receberá o seu veto.

Na noite seguinte, reunida em assembleia, a classe teatral tomou conhecimento dos fatos e discutiu maneiras de tomar público o seu protesto. Houve várias sugestões. Algumas excessivas, como a de um empresário que propôs, como represália, que todas as

companhias representassem, antes dos respectivos espetáculos, quinze minutos da obra-prima do Governador, *O Rio*. A proposta não foi aprovada porque resultaria na punição de um inocente: o público. Alguém sugeriu também que se passasse um telegrama ao Governador-Censor pedindo a publicação de uma lista de dez peças do agrado de S. Excia. E uma atriz muito alta e muito loura propôs o enterro da referida excelência. Mas a proposta aprovada foi a de uma noite de vigília, no Teatro Princesa Isabel. Noite de vigília e protesto, que foi a noite seguinte, com o comparecimento de gente de teatro, além de jornalistas, cineastas, músicos, etc. que conosco vieram solidarizar-se.

Como uma forma também de protesto e de desagravo a este autor, os dirigentes do Movimento de Arte Tempo Brasileiro, por proposta de Alfredo Marques Vianna, idealizador do movimento, decidiram encenar imediatamente *O Pagador de Promessas*.

Dias depois, um matutino publicava um despacho do Secretário de Segurança, Coronel Borges, justificando a proibição da peça e negando nova censura. O documento merece ser transcrito na íntegra, como uma das mais brilhantes páginas da História da Estupidez Humana. Ei-lo:

“1. A alteração ocorrida entre o texto originalmente submetido à Censura e o de fato apresentado no ensaio geral foi premeditada, tendo sido elementos de Imprensa convidados para tal ensaio, já avisados de que iria ocorrer choque com os censores.

2. Pretendem, pois, autor e empresário, usar a Polícia como fator de propaganda gratuita nos jornais, induzidos sutilmente a publicarem a notícia pré-fabricada de interdição de uma pseudo-obra de arte visando a demonstrar que o “terrorismo intelectual” vem sendo aplicado pelas autoridades responsáveis pela ordem pública e pela preservação dos bons costumes. A verdade, porém, é estarem esses senhores engajados na implantação de uma “ditadura cultural”, através do abuso de liberdade democrática e em estrita obediência à recente diretriz do PCB, aonde consta: Operação Terrorismo Cultural - Especialmente no que se refere às áreas intelectual, estudantil e de classe média, há necessidade de demonstrar as restrições à liberdade de expressão, às Universidades aos intelectuais, a partir de preferência de casos

locais ou regionais e estendendo para a situação em todo o País” (os semânticos e gramaticais são por conta do PCB).

3. É patente a má-fé dos responsáveis ao agirem na forma acima pelo que não mais merecem crédito para alegada disposição de modificar as passagens inconvenientes”.

4. Aplique, portanto, o SDP a multa de Cr\$ 1000 na forma do Regimento (Dec. 20 493, de 24-1-46) Artigo 50, § 2º, inciso I, uma vez que os artistas não observaram o que fora aprovado pela censura “em relação ao texto da peça”, por orientação ou complacência do referido empresário.

5. Avoque o SDP a censura da peça, na forma do Regulamento, artigo 3º, alínea (f), por haver manifesto desacordo entre os atos do censor “conquistaram o direito à expressão... até mesmo obscena” é gratuita e não se baseia em nenhuma diretriz ou orientação do Governo. O censor que fique menos contrariado e corte todas as pornografias doravante.

6. Reprove totalmente, o Chefe do SDP, a exhibir de peça, considerando que infringe o Regulamento, Artigo 41, na forma abaixo:

a) divulga ou induz aos maus costumes (alínea c) ao glorificar o lenocínio e a corrupção de costumes.

b) ofende o decoro público (alínea a), pelo emprego de palavras de baixo calão (34 vezes).

c) ofende as religiões (alínea f) ao fazer grosseiras e intempestivas referências à Virgem Santíssima e ao apresentar um vigário em dança grotesca, além de mais de 23 referências antirreligiosas.

d) induz ao desprestígio das Forças Armadas (alínea h), ao ridicularizar um herói da FEB, além de várias outras aleivosias.”

Deixando de parte o péssimo estilo e as incorreções gramaticais, vamos à argumentação, ponto por ponto.

1 - O Secretário de Segurança calunia quando afirma que a imprensa foi antecipadamente convocada para o ensaio-geral, numa atitude premeditada de nossa parte; alguns repórteres surgiram no teatro quase ao término do ensaio, por culpa dos próprios censores que, ao chegarem, declararam-se acompanhados de elementos da

DOPS e do Ministério da Justiça. Sendo este um fato incomum e prenunciador do que iria ocorrer; é natural que logo se divulgasse no meio teatral e a Imprensa dele tomasse conhecimento.

2 - O Coronel nos atribui o exclusivo propósito de provar que no Brasil de hoje não há liberdade de expressão e apressa-se em colaborar conosco proibindo a peça e, assim, provando que realmente não há liberdade. Genial.

3 - Estamos aqui diante de um novo tipo de cassação: a cassação do direito à Censura. Por termos (no entender do Coronel) cometido uma infração, perdemos o crédito (!) e não mais temos o direito (muito pouco desejável, por sinal) de sermos censurados. A Censura passa a ser um privilégio concedido apenas àqueles que, no dizer do Coronel, “merecem crédito”.

4 - A multa a que se refere nos foi aplicada, de acordo com o Artigo 50. Esse artigo regulamenta a atribuição dos censores nos ensaios-gerais realizados especialmente para eles. Vale a pena transcrevê-lo:

“Art. 50 - Durante os ensaios-gerais os artistas são obrigados a cumprir rigorosamente as determinações do censor e do Chefe do S.C.D.P. tanto em relação ao texto da peça ou número em ensaio, como em relação à indumentária, aos gestos, marcações, atitudes e procedimento no palco.” E no § 2º, estabelece:

§ 2. - A violação das determinações consignadas neste artigo será punida pelo censor com admoestação verbal e pelo Chefe do S.C.D.P. com aplicação das penas:

I - multa de Cr\$ 500 a Cr\$ 1.000 quando a responsabilidade for do empresário ou diretor da casa de diversões públicas;

II - Multa de Cr\$ 500 a Cr\$ 1.000, ou exclusão do artista da representação da peça ou número de variedades, quando a responsabilidade for do artista.

Portanto, está previsto na lei (e isto prova que é comum) o caso de sofrer o texto alterações durante os ensaios. Os censores vão ao ensaio justamente para examinar essas possíveis alterações e concordar ou não com elas. No caso de não concordarem, estão também previstas pelo legislador as punições: “admoestação verbal” e “multa de Cr\$ 500 a Cr\$ 1.000”. E só. A lei não faz qualquer referência à possibilidade de proibição.

Já é, portanto, ilegal. É verdade que o artigo 54 prevê a hipótese da autorização da Censura vir a ser cassada posteriormente pelo Chefe do Serviço de Censura (e somente por ele), mas apenas “quando sobrevenham motivos imprevistos e justificados pelo interesse da dignidade nacional, da ordem, da moralidade ou das relações internacionais.” Ora, os motivos alegados pelo Secretário de Segurança em seu despacho não *sobrevieram*, isto é, não *aconteceram* depois, estavam já no texto aprovado.

5 - É uma total distorção da verdade. Pra destruir todo o arrazoado do Coronel, basta citar dois famosos articulistas. O primeiro, Thereza Cesário Alvim (também crítico teatral), que em sua crônica *Um Despacho Infeliz* rebate o Secretário de Segurança. Diz ela: “...o Coronel Gustavo Bravo termina seu despacho com uma série de impedições sobre o texto e o espetáculo. Fala em glorificação do lenocínio e da corrupção de costumes, o que representa exatamente o contrário da verdade. Diz que há desprestígio para as Forças Armadas na ridicularização de um herói da FEB, como se esse *herói* houvesse, realmente, existido e como se as Forças Armadas dos EUA estivessem desprestigiadas pelo fato de terem desertado 4.000 homens das suas fileiras, durante a guerra de 39/45. E ordena aos censores que cortem todas as pornografias daqui por diante verificadas nos espetáculos, talvez esquecido de que está em cartaz uma peça de Nelson Rodrigues, *Toda Nudez Será Castigada*, cuja estreia contou com a presença de diversos elementos chegados ao Governador e à qual o próprio Carlos Lacerda referiu-se como aceitável porque é “só imoral”. Quanto às alegadas “ofensas às religiões” e à Virgem Santíssima, que tanto escandalizaram o Coronel, deve estar ele querendo ser mais realista do que o Rei, ou mais católico do que o Papa, pois Alceu Amoroso Lima, líder católico (a nosso ver, autoridade bem mais respeitável nesse assunto do que o Coronel), em seu artigo *O Joio e o Trigo*, no qual protesta contra a proibição do espetáculo, assim define a peça: “...do ponto de vista ético-social, uma sátira perfeitamente justa ao mau padre, ao mau político, ao mau militar, com cenas que naturalmente excluiriam a entrada a menores.”

E transcrevemos ainda mais algumas palavras de Tristão de Athayde, (que, por sinal, tem sérias discordâncias com o

espetáculo), pois elas valem infinitamente mais do que todas as que possamos escrever. “O que condena o ato dos censores e o coloca na longa série de atentados do terrorismo cultural transcende o caso particular da peça. É apenas um sintoma.

Devemos ou não cumprir a parábola do Evangelho? Devemos ou não permitir que, mesmo aquilo que não aprovamos - do ponto de vista moral, político ou estético - tenha livre curso, para que precisamente possamos fazer prevalecer o bem sobre o mal, na *hora da messe* e não na hora da sementeira? Em suma, devemos considerar a liberdade apenas como um fim ou também como um meio? A não ser que não a queiramos, nem como um fim nem como um meio...”

Finalmente, consideremos aqui a posição de alguns intelectuais que se recusaram a participar ativamente da luta contra a Censura por discordarem do espetáculo. Soube que um deles afirmou, justificando a sua omissão:

— Eu morreria pelo *O Pagador de Promessas*, mas pelo *O Berço do Herói*, não. Vi o espetáculo, discordo e fico em casa.

Em primeiro lugar, *ninguém viu o espetáculo*. Alguns dias antes da estreia, cinquenta intelectuais foram convidados a assistir a um ensaio.

Teve-se o cuidado de convidar apenas cinquenta, porque era mesmo um ensaio, sem roupas, sem luz, sem cenários prontos e com o trabalho de direção inacabado (inclusive com relação à linha de alguns personagens).

Surpreendentemente, apareceram quase trezentas pessoas, que lotaram o pequeno Teatro Princesa Isabel e deram ao ensaio o ar de espetáculo. O objetivo era, justamente, testar o que estava sendo feito, experiência de teatro popular que estava sendo tentada por Antônio Abujamra. O Diretor queria um diálogo inicial sobre o seu trabalho e, à base desse diálogo, completá-lo. Foi mal entendido por alguns, que o julgaram como coisa definitiva. Enquanto outros valiam-se desse pretexto para justificar a sua não participação numa luta à qual nenhum verdadeiro intelectual, nenhum artista, pode furtar-se - a luta pela liberdade de expressão. Porque é isto que está em causa, e não *uma* peça, *um* espetáculo teatral. Quem não

entendeu isso não entendeu nada. Ou talvez não quisesse entender...

(In Revista Civilização Brasileira, ano I, nº 4, 1965, p. 257/68).